

## **Faróis, de Cruz e Sousa**

Fonte:

Cruz e Sousa, Poesia Completa, org. de Zahidé Muzart, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura / Fundação Banco do Brasil, 1993.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística <<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>>

Universidade Federal de Santa Catarina

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)> e saiba como isso é possível.

## **Faróis Cruz e Sousa**

### **Índice**

**RECOLTA DE ESTRELAS**

**RECORDA!**

**CANÇÃO DO BÊBADO**

**A FLOR DO DIABO**

**AS ESTRELAS**

**PANDEMONIUM**

**ENVELHECER**

**FLORES DA LUA**

**TÉDIO**

**LÍRIO ASTRAL**

SEM ESPERANÇA

CAVEIRA

RÉQUIEM DO SOL

ESQUECIMENTO

VIOLÕES QUE CHORAM...

OLHOS DO SONHO

ENCLAUSURADA

MÚSICA DA MORTE...

MONJA NEGRA

INEXORÁVEL

RÉQUIEM

VISÃO

PRESSAGO

RESSURREIÇÃO

ENLEVO

PIEDOSA

AUSÊNCIA MISTERIOSA

MEU FILHO

VISÃO GUIADORA

LITANIA DOS POBRES

SPLEEN DE DEUSES

DIVINA

CABELOS

OLHOS

BOCA

SEIOS

MÃOS

PÉS

CORPO

CANÇÃO NEGRA

A IRONIA DOS VERMES

INÊS

HUMILDADE SECRETA

FLOR PERIGOSA

METEMPSICOSE

OS MONGES

TRISTEZA DO INFINITO

LUAR DE LÁGRIMAS

ÉBRIOS E CEGOS

RECOLTA DE ESTRELAS

(1 out. 1895)  
A Tibúrcio de Freitas

Filho meu, de nome escrito  
Da minh'alma no Infinito.

Escrito a estrelas e sangue  
No farol da lua langue...

Das tuas asas serenas  
Faz manto para estas penes.

Dá-me a esmola de um carinho  
Como a luz de um claro vinho.

Com tua mão pequenina  
Caminhos em flor me ensina.

Com teu riso fresco e suave  
Oh! Dá-me do encanto a chave.

Do teu florão de Inocência  
Dá-me as roses da Clemência.

Como outro Jesus bambino,  
Esclarece-me o Destino.

Traz luz ao mundano pego  
Onde sigo, mudo e cego...

Com teus enleios e graça  
Nos meus cuidados perpassa.

Este peito acende, inflama  
Na mais sacrossanta chama.

Faz brotar nevados lírios  
Das cruzes dos meus martírios.

Dá-me um sol de estranho brilho,  
Flor das lágrimas, meu filho.

Rebento triste, orvalhado

Com tanto pranto chorado.

Filho das ânsias, das ânsias,  
Das misteriosas fragrâncias,

Filho de aromas secretos  
E de desejos inquietos.

De suspiros anelantes  
E impaciências clamantes.

Filho meu, tesouro mago  
De todo esse afeto vago...

Filho meu, torre mais alta  
De onde o meu amor se exalta.

Ânfora azul, de onde o incenso  
dos sonhos se eleva denso.

Constelação flamejada  
De toda esta vida ansiada.

Crisol onde lento, lento  
Purifico o Sentimento.

Íris curioso onde giro  
E alucinado deliro.

Signo dos signos extremos  
Destes tormentos supremos.

Orbita de astros onde paio  
E em febre de luz desvairo.

Vertigem, vertigem viva  
Da paixão mais convulsiva.

Traz-me unção, traz-me concórdia  
E paz e misericórdia.

Do teu sorriso a frescura  
Rios de ouro abra, na Altura.

Abra, acenda labaredas,  
Iluminando-me as quedas.

Flor noturna da luxúria  
Brotada de haste purpúrea.

Dos teus olhos dadivosos  
Escorram óleos preciosos...

Óleos cândidos, dos mundos  
Maravilhosos, profundos.

Óleos virgens se derramem  
E o meu viver embalsamem.

Embalsamem de eloqüentes,  
Celestes dons prefulgentes.

Para que eu possa com calma  
Erguer os castelos da alma.

Para que eu durma tranqüilo  
Lá no sepulcral Sigilo.

Ó meu Filho, ó meu eleito  
Deslumbramento perfeito.

Traz novo esplendor ao facho  
Com que altos Mistérios acho

Meu Filho, frágil e terno,  
Socorre-me do atro Inferno.

Onde vibram gládios duros  
Por ergástulos escuros.

E cruzam flamíneas, fortes,  
Negras vidas, negras mortes.

Onde tecem Satanases  
Sete círculos vorazes...

índice

RECORDA!

Quando a onda dos desejos inquietantes,  
Que do peito transborda,  
Morrer, enfim, nas amplidões distantes,  
Recorda-te, recorda...

Revive dessa música já finda  
Que nas estrelas dorme.  
Volta-te ao mundo sedutor ainda  
Da ilusão multiforme!

Volta, recorda eternamente, volta  
Aos faróis da Esperança,  
Do Sonho estranho as grandes asas solta  
À celeste Bonança.

Recorda mágoas, lágrimas e risos  
E soluços e anseios...  
Revive dos nevoeiros indecisos  
E dos vãos devaneios.

Revive! Goza! Desolado, embora,  
Sorrindo e soluçando,  
Erguendo os véus de já passada aurora,  
Recordando e sonhando...

Cada alma tem seu íntimo recato  
Numa estrela perdida  
E cada coração intemerato  
Tem na estrela uma vida.

Aplica o ouvido a correnteza fria  
Dos golfões da matéria  
E recorda de que lama sombria  
E composta a miséria.

Recorda! Sonha! Nas estrelas erra,  
Beduíno do Espaço  
Aos sonhos brancos, que não são da Terra,  
Dá, sorrindo, o teu braço...

Dá o teu braço, pelos céus sorrindo  
E recordando parte  
E hás de entender os claros céus, sentindo  
Que andas a recordar-te.

Bate a porta dos Astros solitários  
Dos eternos Fulgores,  
Em busca desses mortos visionários,

Almas de sonhadores.

Ah! volta a infância dos primeiros beijos,  
Dos momentos sidéreos,  
Volta a sede dos últimos desejos,  
Dos primeiros mistérios!

Ah! volta aos desenganos primitivos,  
Volta a essência dos anos,  
Volta aos espectros tristemente vivos,  
Ah! volta aos desenganos!

Volta aos serenos, flóridos oásis,  
Volta aos hinos profundos,  
Volta as eflorescências dos Lilazes,  
Volta, volta a esses mundos!

Fique na Sombra e no Silêncio d'alma  
Todo o teu ser dolente,  
Para tranqüilo, com ternura e calma,  
Recordar docemente...

Na Sombra então e no Silêncio denso,  
Como em mágicas plagas,  
Faz acender o alampadário imenso  
Das recordações vagas...

Pousa a cabeça, meigamente pousa  
Nesse agosto Quebranto  
E nem da Terra a mais ligeira cousa  
Te desperte do Encanto.

Para o Amor, para a Dor e para o Sonho

Nas Esferas transborda...  
E entre um soluço e um segredo risonho  
Recorda-te, recorda...

## índice

### CANÇÃO DO BÊBADO

Na lama e na noite triste  
Aquele bêbado ri!  
Tu'alma velha onde existe?  
Quem se recorda de ti?

Por onde andam teus gemidos,  
Os teus noctâmbulos ais?  
Entre os bêbados perdidos  
Quem sabe do teu -- jamais?

Por que é que ficas à lua  
Contemplativo, a vagar?  
Onde a tua noiva nua  
Foi tão depressa a enterrar?

Que flores de graça doente  
Tua fronte vem florir  
Que ficas amargamente  
Bêbado, bêbado a rir?

Que vês tu nessas jornadas?  
Onde está o teu jardim

E o teu palácio de fadas,  
Meu sonâmbulo arlequim?

De onde trazes essa bruma,  
Toda essa névoa glacial  
De flor de lânguida espuma,  
Regada de óleo mortal?

Que soluço extravagante,  
Que negro, soturno fel  
Põe no teu ser doudejante  
A confusão da Babel?

Ah! das lágrimas insanas  
Que ao vinho misturas bem,  
Que de visões sobre-humanas  
Tu'alma e teus olhos tem!

Boca abismada de vinho,  
Olhos de pranto a correr,  
Bendito seja o carinho  
Que já te faça morrer!

Sim! Bendita a cova estreita  
Mais larga que o mundo vão,  
Que possa conter direita  
A noite do teu caixão!

índice

## A FLOR DO DIABO

Branca e floral como um jasmim-do-Cabo  
Maravilhosa ressurgiu um dia  
A fatal Criação do fulvo Diabo,  
Eleita do pecado e da Harmonia.

Mais do que tudo tinha um ar funesto,  
Embora tão radiante e fabulosa.  
Havia sutilezas no seu gesto  
De recordar uma serpente airosa.

Branca, surgindo das vermelhas chamas  
Do Inferno inquisitor, corrupto e langue,  
Ela lembrava, Flor de excelsas famas,  
A Via-Láctea sobre um mar de sangue.

Foi num momento de saudade e tédio,  
De grande tédio e singular Saudade,  
Que o Diabo, já das culpas sem remédio,  
Para formar a egrégia majestade,

Gerou, da poeira quente das areias  
Das praias infinitas do Desejo,  
Essa langue sereia das sereias,  
Desencantada com o calor de um beijo.

Sobre galpões de sonho os seus palácios  
Tinham bizarros e galhardos luxos.  
Mais grave de eloquência que os Horácios,  
Vivia a vida dos perfeitos bruxos.

Sono e preguiça, mais preguiça e sono,

Luxúrias de nababo e mais luxúrias,  
Moles coxins de lânguido abandono  
Por entre estranhas florações purpúreas.

Às vezes, sob o luar, nos rios mortos,  
Na vaga ondulação dos lagos frios,  
Boiavam diabos de chavelhos tortos,  
E de vultos macabros, fugidios.

A lua dava sensações inquietas  
As paisagens avérmicas em torno  
E alguns demônios com perfis de ascetas  
Dormiam no luar um sono morno...

Foi por horas de Cisma, horas etéreas  
De magia secreta e triste, quando  
Nas lagoas letíficas, sidéreas,  
O cadáver da lua vai boiando...

Foi numa dessas noites taciturnas  
Que o velho Diabo, sábio dentre os sábios,  
Desencantado o seu poder das furnas,  
Com o riso augusto a flamejar nos lábios,

Formou a flor de encantos esquisitos  
E de essências esdrúxulas e finas,  
Pondo nela oscilantes infinitos  
De vaidades e graças femininas.

E deu-lhe a quint'essência dos aromas,  
Sonoras harpas de alma, extravagancias,  
Pureza hostial e púbere de pomas,  
Toda a melancolia das distancias...

Para haver mais requinte e haver mais viva,  
Doce beleza e original carícia,  
Deu-lhe uns toques ligeiros de ave esquiva  
E uma auréola secreta de malícia.

Mas hoje o Diabo já senil, já fóssil,  
Da sua Criação desiludido,  
Perdida a antiga ingenuidade dócil,  
Chora um pranto noturno de Vencido.

Como do fundo de vitrais, de frescos  
De góticas capelas isoladas,  
Chora e sonha com mundos pitorescos,  
Na nostalgia das Regiões Sonhadas.

## índice

### AS ESTRELAS

Lá, nas celestes regiões distantes,  
No fundo melancólico da Esfera,  
Nos caminhos da eterna Primavera  
Do amor, eis as estrelas palpitantes.

Quantos mistérios andarão errantes,  
Quantas almas em busca da Quimera,  
Lá, das estrelas nessa paz austera  
Solução, nos altos céus radiantes.

Finas flores de pérolas e prata,  
Das estrelas serenas se desata  
Toda a caudal das ilusões insanas.

Quem sabe, pelos tempos esquecidos,  
Se as estrelas não são os ais perdidos  
Das primitivas legiões humanas?!

### índice

#### PANDEMONIUM A Maurício Jubim

Em fundo de tristeza e de agonia  
O teu perfil passa-me noite e dia.

Aflito, aflito, amargamente aflito,  
Num gesto estranho que parece um grito.

E ondula e ondula e palpitando vaga,  
Como profunda, como velha chaga.

E paira sobre ergástulos e abismos  
Que abrem as bocas cheias de exorcismos.

Com os olhos vesgos, a flutuar de esquelha,  
Segue-te atrás uma visão vermelha.

Uma visão gerada do teu sangue  
Quando no Horror te debateste exangue,

Uma visão que é tua sombra pura  
rodando na mais trágica tortura.

A sombra dos supremos sofrimentos  
Que te abalaram como negros ventos.

E a sombra as tuas voltas acompanha  
Sangrenta, horrível, assombrosa, estranha.

E o teu perfil no vácuo perpassando  
Vê rubros caracteres flamejando.

Vê rubros caracteres singulares  
De todos os festins de Baltazares.

Por toda a parte escrito em fogo eterno:  
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!

E os emissários espectrais das mortes  
Abrindo as grandes asas flamifortes...

E o teu perfil oscila, treme, ondula,  
Pelos abismos eternos circula...

Circula e vai gemendo e vai gemendo  
E suspirando outro suspiro horrendo.

E a sombra rubra que te vai seguindo  
Também parece ir soluçando e rindo.

Ir soluçando, de um soluço cavo  
Que dos venenos traz o torvo travo.

Ir soluçando e rindo entre vorazes  
Satanismos diabólicos, mordazes.

E eu já nem sei se e realidade ou sonho  
Do teu perfil o divagar medonho.

Não sei se e sonho ou realidade todo  
Esse acordar de chamuscas e de lodo.

Tal é a poeira extrema confundida  
Da morte a raios de ouro de outra Vida.

Tais são as convulsões do último arranco  
Presas a um sonho celestial e branco.

Tais são os vagos círculos inquietos  
Dos teus giros de lágrimas secretos.

Mas, de repente, eis que te reconheço,  
Sinto da tua vida o amargo preço.

Eis que te reconheço escravizada,  
Divina Mãe, na Dor acorrentada.

Que reconheço a tua boca presa  
Pela mordada de uma sede acesa

Presa, fechada pela atroz mordada  
Dos fundos desesperos da Desgraça.

Eis que lembro os teus olhos visionários  
Cheios do fel de bárbaros Calvários.

E o teu perfil asas abrir parece  
Para outra Luz onde ninguém padece...

Com doçuras feéricas e meigas  
De Satãs juvenis, ao luar, nas veigas.

E o teu perfil forma um saudoso vulto  
Como de Santa sem altar, sem culto.

Forma um vulto saudoso e peregrino  
De força que voltou ao seu destino.

De ser humano que sofrendo tanto  
Purificou-se nos Azuis do Encanto.

Subiu, subiu e mergulhou sozinho,  
Desamparado, no fetal caminho.

Que lá chegou transfigurado e aéreo,  
Com os aromas das flores do Mistério.

Que lá chegou e as mortas portas mudas  
Fez abalar de imprecações agudas...

E vai e vai o teu perfil ansioso,  
De ondulações fantásticas, brumoso.

E vai perdido e vai perdido, errante,  
Trêmulo, triste, vaporoso, ondeante.

Vai suspirando, num suspiro vivo  
Que palpita nas sombras incisivo...

Um suspiro profundo, tão profundo  
Que arrasta em si toda a paixão do mundo.

Suspiro de martírio, de ansiedade,  
De alívio, de mistério, de saudade.

Suspiro imenso, aterrador e que erra  
Por tudo e tudo eternamente aterra...

O pandemonium de suspiros soltos  
Dos condenados corações revoltos.

Suspiro dos suspiros ansiados  
Que rasgam peitos de dilacerados.

E mudo e pasmo e compungido e absorto,  
Vendo o teu lento e doloroso giro,  
Fico a cismar qual é o rio morto  
Onde vai divagar esse suspiro.

## índice

### ENVELHECER

Flor de indolência, fina e melindrosa,  
Cativante sereia da esperança,  
Cedo tiveste a crença dolorosa  
De quanto a vida é velha e como cansa...

Na lânguida, na morna morbidez  
Do teu amargo e triste celibato,  
Tu te fechaste para a Natureza  
Como a lua no célico recato.

No fundo delicado dos teus seios  
Foste esconder os sentimentos vagos,  
E todos os dolentes devaneios  
Das estrelas sonhando a flor dos lagos.

Todas as altas celas de ouro e prata  
De teu claustro de Virgem sem afeto  
Fecharam sobre tu'alma timorata  
Austeras portas, com fragor secreto.

No entanto, havia no teu corpo ondeante  
As delícias sutis de um céu fugace...  
E era talvez o encanto mais picante  
A graça aldeã do teu nariz rapace.

Teus olhos tinham certa magoa nobre  
E certo fundo de doirado abismo  
E a malícia que logo se descobre  
Em olhos de felino narcotismo.

Mas na boca trazias todo o oculto  
Toque sombrio de ironia grave...  
E como que as belezas do teu vulto  
Abriam asas peregrinas de ave.

Tinhas na boca esse elixir ardente  
Da volúpia mortal dos gozos e essa  
Chama de boca, feita unicamente  
Para no gozo envelhecer depressa.

E envelheceste tanto, muito cedo,  
Sumiu-se tão depressa o teu encanto,  
Foi tão falaz o sedutor segredo  
Do teu carnal e lânguido quebranto!

Envelheceste para os vãos idílios,  
Para os estranhos estremecimentos,  
Para os brilhos iriantes dos teus cílios  
E para os sepulcrais esquecimentos.

Envelheceste para os vãos amores,  
E para os olhos, para as mãos que abrias  
Como dois talismãs de brancas flores  
E de leves e doces harmonias...

Presas, sem ar, sem sol, crepusculada  
No celibato que não tem perfume  
De todo envelheceste abandonada,

Já como um ser que não provoca ciúme.

Envelhecer é reduzir a vida  
A sentimentos de tristeza austera,  
Enclausurá-la numa grave ermida  
De luto e de silêncio sem quimera.

E envelhecer na juventude flórea,  
Do celibato emurhecido lírio  
E ficar sob os pálios da ilusória  
Melancolia, como a luz de um círio...

Envelhecer assim, virgem e forte,  
E cerrar contra o mundo a rósea porta  
Do Amor e apenas esperar a Morte,  
A alma já muda, há muito tempo morta.

Envelheces de tédio, de cansaço,  
D'ilusões e de cismas e de penes,  
Como envelhece no celeste espaço  
O turbilhão das estrelas serenas.

O Amor os corações fez interditos  
Ao teu magoado coração cativo  
E apagou-te os sublimes infinitos  
Do seu clarão fecundador e vivo.

Hoje envelheces na clausura imensa,  
Dentro de um sonho pálido feneces.  
Tua beleza veste névoa densa,  
Em surdinas e sombras envelheces.

De pranto e luar, num desolado misto,

Cai a noite na tua puberdade  
E como a Rediviva do Imprevisto,  
Erras e sonhas pela Eternidade!

## índice

### FLORES DA LUA

Brancuras imortais da Lua Nova  
Frios de nostalgia e sonolência...  
Sonhos brancos da Lua e viva essência  
Dos fantasmas noctívagos da Cova.

Da noite a tarda e taciturna trova  
Soluça, numa tremula dormência...  
Na mais branda, mais leve florescência  
Tudo em Visões e Imagens se renova.

Mistérios virginais dormem no Espaço,  
Dormem o sono das profundas seivas,  
Monótono, infinito, estranho e lasso...

E das Origens na luxúria forte  
Abrem nos astros, nas sidéreas leivas  
Flores amargas do palor da Morte.

## índice

## TÉDIO

Vala comum de corpos que apodrecem,  
E esverdeada gangrene  
Cobrindo vastidões que fosforescem  
Sobre a esfera terrena.

Bocejo torvo de desejos turvos,  
Languescente bocejo  
De velhos diabos de chavelhos curvos  
Rugindo de desejo.

Sangue coalhado, congelado, frio,  
Espasmado nas veias...  
Pesadelo sinistro de algum rio  
De sinistras sereias...

Alma sem rumo, a modorrar de sono,  
Mole, túrbida, lassa...  
Monotonias lúbricas de um mono  
Dançando numa praça...

Mudas epilepsias, mudas, mudas,  
Mudas epilepsias,  
Masturbações mentais, fundas, agudas,  
Negras nevrostenias.

Flores sangrentas do soturno vício  
Que as almas queima e morde...  
Música estranha de fetal suplício,  
Vago, mórbido acorde...

Noite cerrada para o Pensamento  
Nebuloso degredo  
Onde em cavo clangor surdo do vento  
Rouco pragueja o medo.

Plaga vencida por tremendas pragas,  
Devorada por pestes,  
Esboroadada pelas rubras chagas  
Dos incêndios celestes.

Sabor de sangue, Lágrimas e terra  
Revolvida de fresco,  
Guerra sombria dos sentidos, guerra,  
Tantalismo dantesco.

Silêncio carregado e fundo e denso  
Como um poço secreto,  
Dobre pesado, carrilhão imenso  
Do segredo inquieto...

Florescência do Mal, hediondo parto  
Tenebroso do crime,  
Pandemonium feral de ventre farto  
Do Nirvana sublime.

Delírio contorcido, convulsivo  
De felinas serpentes,  
No silamento e no mover lascivo  
Das caudas e dos dentes.

Porco lúgubre, lúbrico, trevoso  
Do tábido pecado,  
Fuçando colossal, formidoloso

Nos lodos do passado.

Ritmos de forças e de graças mortas,  
Melancólico exílio,  
Difusão de um mistério que abre portas  
Para um secreto idílio...

Ócio das almas ou requinte delas,  
Quint'essências, velhices  
De luas de nevroses amarelas,  
Venenosas meiguices.

Insônia morna e doente dos Espaços,  
Letargia funérea,  
Vermes, abutres a correr pedaços  
Da carne deletéria.

Um misto de saudade e de tortura,  
De lama, de Ódio e de asco,  
Carnaval infernal da Sepultura,  
Risada do carrasco.

Ó tédio amargo, ó tédio dos suspiros,  
Ó tédio d'ansiedades!  
Quanta vez eu não subo nos teus giros  
Fundas eternidades!

Quanta vez envolvido do teu luto  
Nos sudários profundos  
Eu, calado, a tremer, ao longe, escuto  
Desmoronarem mundos!

Os teus soluços, todo o grande pranto,

Taciturnos gemidos,  
Fazem gerar flores de amargo encanto  
Nos corações doridos.

Tédio! que pões nas almas olvidadas  
Ondulações de abismo  
E sombras vesgas, lívidas, paradas,  
No mais feroz mutismo!

Tédio do Réquiem do Universo inteiro,  
Morbus negro, nefando,  
Sentimento fatal e derradeiro  
Das estrelas gelando...

O Tédio! Rei da Morte! Rei boêmio!  
Ó Fantasma enfadonho!  
És o sol negro, o criador, o gêmeo,  
Velho irmão do meu sonho!

índice

## LÍRIO ASTRAL

Lírio astral, ó lírio branco  
Ó lírio astral,  
No meu derradeiro arranco  
Sê cordial!

Perfuma de graça leve  
O meu final

Com o doce perfume breve,  
Ó lírio astral!

Dá-me esse óleo sacrossanto  
Toda a caudal  
Do óleo casto do teu pranto,  
Ó lírio astral!

Traz-me o alívio dos alvíos,  
Ó virginal,  
Ó lírio dos lírios níveos,  
Ó Lírio astral!

Dentre as sonatas da lua  
Celestial,  
Lírio, vem, Lírio, flutua,  
Ó Lírio astral!

Dos raios das noites de ouro,  
Do Roseiral,  
Do constelado tesouro,  
Ó lírio astral!

Desprende o fino perfume  
Eteral  
E vem do celeste fume,  
Ó lírio astral!

Da maviosa suavidade  
Do céu floral  
Traz a meiga claridade,  
Ó lírio astral!

Que bendita e sempre pura  
E divinal  
Seja-me a tua frescura,  
Ó lírio astral!

Que ela, enfim, me transfigure,  
Na hora fatal  
E os meus sentidos apure,  
Ó lírio astral!

Que tudo que me é avaro  
De luz vital,  
Nessa hora se tome claro,  
Ó lírio astral!

Que portas de astros, rasgadas  
Num céu lírial,  
Eu veja desassombradas,  
Ó lírio astral!

Que eu possa, tranqüilo, vê-las,  
Limpo do mal,  
Essas mil portas de estrelas  
Ó lírio astral!

E penetrar nelas, calmo,  
Na paz mortal,  
Como um davídico salmo,  
O lírio astral!

Vento velho que soluça  
Meu Sonho ideal,  
No Infinito se debruça,  
Ó lírio astral!

Por isso, lá, no Momento,  
Na hora fetal,  
Perfuma esse velho vento  
Ó lírio astral!

Traz a graça do Infinito,  
Graça imortal,  
Ao velho Sonho proscrito,  
Ó lírio astral!

Adoça-me o derradeiro  
Sonho feral  
O lírio do astral Cruzeiro  
Ó lírio astral!

Se, o Lírio, ó doce Lírio  
De luz boreal  
Na morte o meu claro círio,  
Ó lírio astral!

Perfuma, Lírio, perfume,  
Na hora glacial,  
Meu Sonho de Sol, de Bruma,  
Ó lírio astral!

Que eu suba na tua essência  
Sacramental  
Para a excelsa Transcendência,  
Ó lírio astral!

E lá, nas Messes divinas,  
Paire, eternal,

Nas Esferas cristalinas,  
Ó lírio astral!

índice

## SEM ESPERANÇA

Ó cândidos fantasmas da Esperança,  
Meigos espectros do meu vão Destino,  
Volvei a mim nas leves ondas do Hino  
Sacramental de Bem-aventurança.

Nas veredas da vida a alma não cansa  
De vos buscar pelo Vergel divino  
Do céu sempre estrelado e diamantino  
Onde toda a alma no Perdão descansa.

Na volúpia da dor que me transporta,  
Que este meu ser transfunde nos Espaços,  
Sinto-te longe, ó Esperança morta.

E em vão alongo os vacilantes passos  
À procura febril da tua porta,  
Da ventura celeste dos teus braços.

índice

## CAVEIRA

I

Olhos que foram olhos, dois buracos  
Agora, fundos, no ondular da poeira...  
Nem negros, nem azuis e nem opacos.  
Caveira!

II

Nariz de linhas, correções audazes,  
De expressão aquilina e feiticeira,  
Onde os olfatos virginais, falazes?!  
Caveira! Caveira!!

III

Boca de dentes límpidos e finos,  
De curve leve, original, ligeira,  
Que é feito dos teus risos cristalinos?!  
Caveira! Caveira!! Caveira!!!

índice

## RÉQUIEM DO SOL

Águia triste do Tédio, sol cansado,  
Velho guerreiro das batalhas fortes!  
Das ilusões as trêmulas coortes  
Buscam a luz do teu clarão magado...

A tremenda avalanche do Passado

Que arrebatou tantos milhões de mortes  
Passa em tropel de trágicos Mavortes  
Sobre o teu coração ensangüentado...

Do alto dominas vastidões supremas  
Águia do Tédio presa nas algemas  
Da Legenda imortal que tudo engelha...

Mas lá, na Eternidade, de onde habitas,  
Vagam finas tristezas infinitas,  
Todo o mistério da beleza velha!

### índice

## ESQUECIMENTO

Ó Estrelas tranqüilas, esquecidas  
    No seio das Esferas,  
Velhos bilhões de lágrimas, de vidas,  
    Refulgentes Quimeras.

Astros que recordais infâncias de ouro,  
    Castidades serenas,  
Irradiações de mágico tesouro,  
    Aromas de açucenas.

Rosas de luz do céu resplandecente  
    Ó Estrelas divinas,  
Sereias brancas da região do Oriente  
    Ó Visões peregrinas!

Aves de ninhos de frouxéis de prata  
Que cantais no Infinito  
As Letras da Canção intemerata  
Do Mistério bendito.

Turíbulos de graça e encantamento  
Das sidérias umbelas,  
Desvendai-me as Mansões do Esquecimento  
Radiantes sentinelas.

Dizei que palidez de mortos lírios  
Há por estas estradas  
E se terminam todos os martírios  
Nas brumas encantadas.

Se nessas brumas encantadas choram  
Os anseios da Terra,  
Se os lírios mortos que há por lá se auroram  
De púrpuras de guerra.

Se as que há por cá titânicas cegueiras,  
Atordoadas vitórias  
Embebedam os seres nas poncheiras  
E no gozo das glórias!

O céu é o berço das estrelas brancas  
Que dormem de cansaço...  
E das almas olímpicas e francas  
O ridente regaço...

Só ele sabe, o claro céu tranqüilo  
Dos grandes resplendores,

Qual é das almas o eternal sigilo,  
Qual o cunho das cores.

Só ele sabe, o céu das quint'essências,  
O Esquecimento ignoto  
Que tudo envolve nas letais diluências  
De um ocaso remoto...

O Esquecimento é flor, sutil, celeste,  
De palidez risonha.  
A alma das coisas languemente veste  
De um véu, como quem sonha.

Tudo no esquecimento se adelgaça...  
E nas zonas de tudo  
Na candura de tudo, extremo, passa  
Certo mistério mudo.

Como que o coração fica cantando  
Porque, trêmulo, esquece,  
Vivendo a vida de quem vai sonhando  
E no sonho estremece...

Como que o coração fica sorrindo  
De um modo grave e triste,  
Languidamente a meditar, sentindo  
Que o esquecimento existe.

Sentindo que um encanto etéreo e mago,  
Mas um lívido encanto,  
Põe nos semblantes um luar mais vago,  
Enche tudo de pranto.

Que um concerto de suplicas de magoa,  
De martírios secretos,  
Vai os olhos tornando rasos d'água  
E turvando os objetos...

Que um soluço cruel, desesperado  
Na garganta rebenta...  
Enquanto o Esquecimento alucinado  
Move a sombra nevoenta!

O rio roxo e triste, Ó rio morto,  
O rio roxo, amargo...  
Rio de vãs melancolias de Horto  
Caídas do céu largo!

Rio do esquecimento tenebroso,  
Amargamente frio,  
Amargamente sepulcral, lutuoso,  
Amargamente rio!

Quanta dor nessas ondas que tu levas,  
Nessas ondas que arrastas,  
Quanto suplício nessas tuas trevas,  
Quantas lágrimas castas!

Ó meu verso, ó meu verso, ó meu orgulho,  
Meu tormento e meu vinho,  
Minha sagrada embriaguez e arrulho  
De aves formando ninho.

Verso que me acompanhas no Perigo  
Como lança preclara,  
Que este peito defende do inimigo  
Por estrada tão rara!

O meu verso, ó meu verso soluçante,  
Meu segredo e meu guia,  
Tem dó de mim lá no supremo instante  
Da suprema agonia.

Não te esqueças de mim, meu verso insano,  
Meu verso solitário,  
Minha terra, meu céu, meu vasto oceano,  
Meu templo, meu sacrário.

Embora o esquecimento vão dissolva  
Tudo, sempre, no mundo,  
Verso! que ao menos o meu ser se envolva  
No teu amor profundo!

Esquecer e andar entre destroços  
Que além se multiplicam,  
Sem reparar na lividez dos ossos  
Nem nas cinzas que ficam...

É caminhar por entre pesadelos,  
Sonâmbulo perfeito,  
Coberto de nevoeiros e de gelos,  
Com certa ânsia no peito.

Esquecer é não ter lágrimas puras,  
Nem asas para beijos  
Que voem procurando sepulturas  
E queixas e desejos!

Esquecimento! eclipse de horas mortas.  
Relógio mudo, incerto,

Casa vazia... de cerradas portas,  
Grande vácuo, deserto.

Cinza que cai nas almas, que as consome,  
Que apaga toda a flama,  
Infinito crepúsculo sem nome,  
Voz morta a voz que a chama.

Harpa da noite, irmã do Imponderável,  
De sons langues e enfermos,  
Que Deus com o seu mistério formidável  
Faz calar pelos ermos.

Solidão de uma plaga extrema e nua,  
Onde trágica e densa  
Chora seus lírios virginais a lua  
Lividamente imensa.

Silêncio dos silêncios sugestivos,  
Grito sem eco, eterno  
Sudário dos Azuis contemplativos,  
Florescência do Inferno.

Esquecimento! Fluido estranho, de ânsias,  
De negra majestade,  
Soluço nebuloso das Distancias  
Enchendo a Eternidade!

índice

## VIOLÕES QUE CHORAM...

(jan. 1897)

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,  
Soluços ao luar, choros ao vento...  
Tristes perfis, os mais vagos contornos,  
Bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,  
Noites da solidão, noites remotas  
Que nos azuis da Fantasia bordo,  
Vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações a luz da lua,  
Anseio dos momentos mais saudosos,  
Quando lá choram na deserta rua  
As cordas vivas dos violões chorosos.

Quando os sons dos violões vão soluçando,  
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,  
E vão dilacerando e deliciando,  
Rasgando as almas que nas sombras tremem.

Harmonias que pungem, que laceram,  
Dedos Nervosos e ágeis que percorrem  
Cordas e um mundo de dolências geram,  
Gemidos, prantos, que no espaço morrem...

E sons soturnos, suspiradas magoas,  
Mágoas amargas e melancolias,  
No sussurro monótono das águas,  
Noturnamente, entre ramagens frias.

Vozes veladas, veludas vozes,  
Volúpias dos violões, vozes veladas,  
Vagam nos velhos vórtices velozes  
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Tudo nas cordas dos violões ecoa  
E vibra e se contorce no ar, convulso...  
Tudo na noite, tudo clama e voa  
Sob a febril agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos  
São ilhas de degredo atroz, funéreo,  
Para onde vão, fatigadas do sonho  
Almas que se abismaram no mistério.

Sons perdidos, nostálgicos, secretos,  
Finas, diluídas, vaporosas brumas,  
Longo desolamento dos inquietos  
Navios a vagar a flor de espumas.

Oh! languidez, languidez infinita,  
Nebulosas de sons e de queixumes,  
Vibrado coração de ânsia esquisita  
E de gritos felinos de ciúmes!

Que encantos acres nos vadios rotos  
Quando em toscos violões, por lentas horas,  
Vibram, com a graça virgem dos garotos,  
Um concerto de lágrimas sonoras!

Quando uma voz, em trêmolos, incerta,  
Palpitando no espaço, ondula, ondeia,  
E o canto sobe para a flor deserta  
Soturna e singular da lua cheia.

Quando as estrelas mágicas florescem,  
E no silêncio astral da Imensidade  
Por lagos encantados adormecem  
As pálidas ninféias da Saudade!

Como me embala toda essa pungência,  
Essas lacerações como me embalam,  
Como abrem asas brancas de clemência  
As harmonias dos Violões que falam!

Que graça ideal, amargamente triste,  
Nos lânguidos bordões plangendo passa...  
Quanta melancolia de anjo existe  
Nas visões melodiosas dessa graça.

Que céu, que inferno, que profundo inferno,  
Que ouros, que azuis, que lágrimas, que risos,  
Quanto magoado sentimento eterno  
Nesses ritmos trêmulos e indecisos...

Que anelos sexuais de monjas belas  
Nas ciliciadas carnes tentadoras,  
Vagando no recôndito das celas,  
Por entre as ânsias dilaceradoras...

Quanta plebéia castidade obscura  
Vegetando e morrendo sobre a lama,  
Proliferando sobre a lama impura,  
Como em perpétuos turbilhões de chama.

Que procissão sinistra de caveiras,  
De espectros, pelas sombras mortas, mudas.

Que montanhas de dor, que cordilheiras  
De agonias aspérrimas e agudas.

Véus neblinosos, longos véus de viúvas  
Enclausuradas nos ferais desterros  
Errando aos sóis, aos vendavais e às chuvas,  
Sob abóbadas lúgubres de enterros;

Velhinhas quedas e velhinhos quedos  
Cegas, cegos, velhinhas e velhinhos  
Sepulcros vivos de senis segredos,  
Eternamente a caminhar sozinhos;

E na expressão de quem se vai sorrindo,  
Com as mãos bem juntas e com os pés bem juntos  
E um lenço preto o queixo comprimindo,  
Passam todos os lívidos defuntos...

E como que há histéricos espasmos  
na mão que esses violões agita, largos...  
E o som sombrio é feito de sarcasmos  
E de Sonambulismos e letargos.

Fantasmas de galés de anos profundos  
Na prisão celular atormentados,  
Sentindo nos violões os velhos mundos  
Da lembrança fiel de áureos passados;

Meigos perfis de tísicos dolentes  
Que eu vi dentre os vilões errar gemendo,  
Prostituídos de outrora, nas serpentes  
Dos vícios infernais desfalecendo;

Tipos intonsos, esgrouviados, tortos,  
Das luas tardas sob o beijo níveo,  
Para os enterros dos seus sonhos mortos  
Nas queixas dos violões buscando alívio;

Corpos frágeis, quebrados, doloridos,  
Frouxos, dormentes, adormidos, langues  
Na degenerescência dos vencidos  
De toda a geração, todos os sangues;

Marinheiros que o mar tornou mais fortes,  
Como que feitos de um poder extremo  
Para vencer a convulsão das mortes,  
Dos temporais o temporal supremo;

Veteranos de todas as campanhas,  
Enrugados por fundas cicatrizes,  
Procuram nos violões horas estranhas,  
Vagos aromas, cândidos, felizes.

Ébrios antigos, vagabundos velhos,  
Torvos despojos da miséria humana,  
Têm nos violões secretos Evangelhos,  
Toda a Bíblia fatal da dor insana.

Enxovalhados, tábidos palhaços  
De carapuças, máscaras e gestos  
Lentos e lassos, lúbricos, devassos,  
Lembrando a florescência dos incestos;

Todas as ironias suspirantes  
Que ondulam no ridículo das vidas,  
Caricaturas tétricas e errantes  
Dos malditos, dos réus, dos suicidas;

Toda essa labiríntica nevrose  
Das virgens nos românticos enleios;  
Os ocasos do Amor, toda a clorose  
Que ocultamente lhes lacera os seios;

Toda a mórbida música plebéia  
De requebros de faunos e ondas lascivas;  
A langue, mole e morna melopéia  
Das valsas alanceadas, convulsivas;

Tudo isso, num grotesco desconforme,  
Em ais de dor, em contorsões de açoites,  
Revive nos violões, acorda e dorme  
Através do luar das meias noites!

### índice

## OLHOS DO SONHO (jan. 1897)

Certa noite soturna, solitária,  
Vi uns olhos estranhos que surgiam  
Do fundo horror da terra funerária  
Onde as visões sonâmbulas dormiam...

Nunca da terra neste leito raso  
Com meus olhos mortais, alucinados...  
Nunca tais olhos divisei acaso  
Outros olhos eu vi transfigurados.

A luz que os revestia e alimentava  
Tinha o fulgor das ardentias vagas,  
Um demônio noctâmbulo espiava  
De dentro deles como de ígneas plagas.

E os olhos caminhavam pela treva  
Maravilhosos e fosforescentes...  
Enquanto eu ia como um ser que leva  
Pesadelos fantásticos, trementes.

Na treva só os olhos, muito abertos,  
Seguiam para mim com majestade,  
Um sentimento de cruéis desertos  
Me apunhalava com atrocidade.

Só os olhos eu via, só os olhos  
Nas cavernas da treva destacando:  
Faróis de augúrio nos ferais escolhos,  
Sempre, tenazes, para mim olhando...

Sempre tenazes para mim, tenazes,  
Sem pavor e sem medo, resolutos,  
Olhos de tigres e chacais vorazes  
No instante dos assaltos mais astutos.

Só os olhos eu via! -- o corpo todo  
Se confundia com o negror em volta...  
Ó alucinações fundas do lodo  
Carnal, surgindo em tenebrosa escolta!

E os olhos me seguiam sem descanso,  
Suma perseguição de atras voragens,

Nos narcotismos dos venenos mansos,  
Como dois mudos e sinistros pajens.

E nessa noite, em todo meu percurso,  
Nas voltas vagas, vãs e vacilantes  
Do meu caminho, esses dois olhos de urso  
Lá estavam tenazes e constantes.

Lá estavam eles, fixamente eles,  
Quietos, tranqüilos, calmos e medonhos...  
Ah! quem jamais penetrará naqueles  
Olhos estranhos dos eternos sonhos!

### índice

## ENCLAUSURADA

Ó Monja dos estranhos sacrifícios,  
Meu amor imortal, Ave de garras  
E asas gloriosas, triunfais, bizarras,  
Alquebradas ao peso dos cilícios.

Reclusa flor que os mais revéis flagícios  
Abalaram com as trágicas fanfarras,  
Quando em formas exóticas de jarras  
Teu corpo tinha a embriaguez dos vícios.

Para onde foste, ó graça das mulheres,  
Graça viçosa dos vergéis de Ceres  
Sem que o meu pensamento te persiga?!

Por onde eternamente enclausuraste  
Aquele ideal delicadeza de haste,  
De esbelta e fina ateniense antiga?!

índice

### MÚSICA DA MORTE...

A musica da Morte, a nebulosa,  
Estranha, imensa musica sombria,  
Passa a tremer pela minh'alma e fria  
Gela, fica a tremer, maravilhosa...

Onda nervosa e atroz, onda nervosa,  
Letes sinistro e torvo da agonia,  
Recresce a lancinante sinfonia,  
Sobe, numa volúpia dolorosa...

Sobe, recresce, tumultuando e amarga,  
Tremenda, absurda, imponderada e larga,  
De pavores e trevas alucina...

E alucinando e em trevas delirando,  
Como um Ópio letal, vertiginando,  
Os meus nervos, letárgica, fascina...

índice

## MONJA NEGRA

É teu esse espaço, e teu todo o Infinito  
Transcendente Visão das lágrimas nascida,  
Bendito o teu sentir, para sempre bendito  
Todo o teu divagar na Esfera indefinida!

Através de teu luto as estrelas meditam  
Maravilhosamente e vaporosamente;  
Como olhos celestiais dos Arcanjos nos fitam  
Lá do fundo negror do teu luto plangente.

Almas sem rumo já, corações sem destino  
Vão em busca de ti, por vastidões incertas...  
E no teu sonho astral, mago e luciferino,  
Encontram para o amor grandes portas abertas.

Cândida Flor que aroma e tudo purifica,  
Trazes sempre contigo as sutis virgindades  
E uma caudal preciosa, interminável, rica,  
De raras sugestões e curiosidades.

As belezas do mito, as grinaldas de louro,  
Os priscos ouropéis, os símbolos já vagos,  
Tudo forma o painel de um velho fundo de ouro  
De onde surges enfim como as visões dos lagos.

Certa graça cristã, certo excelso abandono  
De Deusa que emigrou de regiões de outrora,  
Certo aéreo sentir de esquecimento e outono,

Trazem-te as emoções de quem medita e chora.

És o imenso crisol, és o crisol profundo  
Onde se cristalizam todas as belezas,  
És o néctar da Fé, de que eu melhor me inundo.  
Ó néctar divinal das místicas purezas.

Ó Monja soluçante! Ó Monja soluçante,  
Ó Monja do Perdão, da paz e da clemência,  
Leva para bem longe este Desejo errante,  
Desta febre letal toda secreta essência.

Nos teus golfos de Além, nos lagos taciturnos,  
Nos pélagos sem fim, vorazes e medonhos,  
Abafa para sempre os soluços noturnos,  
E as dilacerações dos formidáveis Sonhos!

Não sei que Anjo fatal, que Satã fugitivo,  
Que gênios infernais, magnéticos, sombrios,  
Deram-te as amplidões e o sentimento vivo  
Do mistério com todos os seus calafrios...

A lua vem te dar mais trágica amargura,  
E mais desolação e mais melancolia,  
E as estrelas, do céu na Eucaristia pura,  
Têm a mágoa velada da Virgem Maria.

Ah! Noite original, noite desconsolada  
Monja da solidão, espiritual e augusta,  
Onde fica o teu reino, a região vedada,  
A região secreta, a região vetusta?!

Almas dos que não tem o Refúgio supremo

De altas contemplações, dos mais altos mistérios,  
Vinde sentir da Noite o Isolamento extremo,  
Os fluidos imortais, angelicais, etéreos.

Vinde ver como são mais castos e mais belos,  
Mais puros que os do dia os noturnos vapores:  
Por toda a parte no ar levantam-se castelos  
E nos parques do céu há quermesses de amores.

Volúpias, seduções, encantos feiticeiros  
Andam a embalsamar teu seio tenebroso  
E as águias da Ilusão, de vôos altaneiros,  
Crivam de asas triunfais o horizonte onduloso.

Cavaleiros do Ideal, de erguida lança em riste,  
Sonham, a percorrer teus velhos Paços cavos...  
E esse nobre esplendor de majestade triste  
Recebe outros lauréis mais bizarros e bravos.

Convulsivas paixões, convulsivas nevroses,  
Recordações senis nos teus aspectos vagam,  
Mil alucinações, mortas apoteoses  
E mil filtros sutis que mornamente embriagam.

O grande Monja negra e transfiguradora,  
Magia sem igual dos paramos eternos,  
Quem assim te criou, selvagem Sonhadora,  
Da carícia de céus e do negror d'infernos?

Quem auréolas te deu assim miraculosas  
E todo o estranho assombro e todo o estranho medo,  
Quem pôs na tua treva ondulações nervosas,  
E mudez e silêncio e sombras e segredo?

Mas ah! quanto consolo andar errando, errando,  
Perdido no teu Bem, perdido nos teus braços,  
Nos noivados da Morte andar além sonhando,  
Na unção sacramental dos teus negros Espaços!

Que glorioso troféu andar assim perdido  
Na larga vastidão do mudo firmamento,  
Na noite virginal ocultamente ungido,  
Nas transfigurações do humano sentimento!

Faz descer sobre mim os brandos véus da calma,  
Sinfonia da Dor, ó Sinfonia muda,  
Voz de todo o meu Sonho, ó noiva da minh'alma,  
Fantasma inspirador das Religiões de Buda.

O negra Monja triste, ó grande Soberana,  
Tentadora Visão que me seduzes tanto,  
Abençoa meu ser no teu doce Nirvana,  
No teu Sepulcro ideal de desolado encanto!

Hóstia negra e feral da comunhão dos mortos,  
Noite criadora, mãe dos gnomos, dos vampiros,  
Passageira senil dos encantados portos,  
Ó cego sem bordão da torre dos suspiros...

Abençoa meu ser, unge-o dos óleos castos,  
Enche-o de turbilhões de sonâmbulas aves,  
Para eu me difundir nos teus Sacrários vastos,  
Para me consolar com os teus Silêncios graves.

## INEXORÁVEL

Ó meu Amor, que já morreste,  
Ó meu Amor, que morta estas!  
Lá nessa cova a que desceste,  
Ó meu Amor, que já morreste,  
Ah! nunca mais floresceras?!

Ao teu esquelido esqueleto,  
Que tinha outrora de uma flor  
A graça e o encanto do amuleto;  
Ao teu esquelido esqueleto  
Não voltará novo esplendor?!

E ah! o teu crânio sem cabelos,  
Sinistro, seco, estéril, nu...  
(Belas madeixas dos meus zelos!)  
E ah! o teu crânio sem cabelos  
Há de ficar como estás tu?!

O teu nariz de asa redonda,  
De linhas límpidas, sutis  
Oh! há de ser na lama hedionda  
O teu nariz de asa redonda  
Comido pelos vermes vis?!

Os teus dois olhos -- dois encantos --  
De tudo, enfim, maravilhar,  
Sacrário augusto dos teus prantos,  
Os teus dois olhos -- dois encantos --  
Em dois buracos vão ficar?!

A tua boca perfumosa  
O céu do néctar sensual  
Tão casta, fresca e luminosa,  
A tua boca perfumosa  
Vai ter o cancro sepulcral?!

As tuas mãos de nívea seda,  
De veias cândidas e azuis  
Vão se extinguir na noite trega  
As tuas mãos de nívea seda,  
Lá nesses lúgubres paus?!

As tuas tentadoras pomas  
Cheias de um magnífico elixir  
De quentes, cálidos aromas  
As tuas tentadoras pomas  
Ah! nunca mais hão de florir?!

A essência virgem da beleza,  
O gesto, o andar, o sol da voz  
Que Iluminava de pureza,  
A essência virgem da beleza  
Tudo acabou no horror atroz?!

Na funda treva dessa cova,  
Na inexorável podridão  
Já te apagaste, Estrela nova,  
Na funda treva dessa cova  
Na negra Transfiguração!

## RÉQUIEM

Como os salmos dos Evangelhos celestiais,  
Os sonhos que eu amei não de acabar,  
Quando o meu corpo, trêmulo, dos velhos  
Nos gelados outonos penetrar.

O rosto encarquilhado e as mãos já frias,  
Engelhadas, convulsas, a tremer,  
Apenas viverei das nostalgias  
Que fazem para sempre envelhecer.

Por meus olhos sem brilho e fatigados  
Como sombras de outrora, passarão  
As ilusões de uns olhos constelados  
Que da Vida dourarão-me a Ilusão.

Mas tudo, enfim, as bocas perfumosas,  
O mar, o campo e tudo quanto amei,  
As auroras, o sol, pássaros, rosas,  
Tudo rirá do estado a que cheguei.

Do brilho das estrelas cristalinas  
Virá um riso irônico de dor,  
E da minh'alma subirão neblinas,  
Incensos vagos, cânticos de amor.

Por toda parte o amargo escárnio fundo,  
Sem já mais nada para mim florir,  
As risadas vandálicas do mundo  
Secos desdêns por toda a parte a rir.

Que não de ser vão esforços da memória  
Para lembrar os tempos virginais,  
As rugas da matéria transitória  
Não de lá estar como a dizer: -- jamais!

E hei de subir transfigurado e lento  
Altas montanhas cheias de visões,  
Onde gelaram, num luar, nevoento,  
Tantos e solitários corações.

Recordarei as íntimas ternuras,  
De seres raros, porém mortos já,  
E de mim, do que fui, pelas torturas  
Deste viver pouco me lembrará.

O mundo clamará sinistramente  
Daquele que a velhice alquebra e alui...  
Mas ah! por mais que clame toda a gente  
Nunca dirá o que de certo eu fui.

E os dias frios e ermos da Existência  
Cairão num crepúsculo mortal,  
Na soluçante, mística plangência  
Dos órgãos de uma estranha catedral.

Para me ungir no derradeiro e ansioso  
Olhar que a extrema comoção traduz,  
Sob o celeste pátio majestoso  
Não de passar os Viáticos da luz.

## VISÃO

Noiva de Satanás, Arte maldita,  
Mago Fruto letal e proibido,  
Sonâmbula do Além, do Indefinido  
Das profundas paixões, Dor infinita.

Astro sombrio, luz amarga e aflita,  
Das Ilusões tantálico gemido,  
Virgem da Noite, do luar dorido,  
Com toda a tua Dor oh! sê bendita!

Seja bendito esse clarão eterno  
De sol, de sangue, de veneno e inferno,  
De guerra e amor e ocasos de saudade...

Sejam benditas, imortalizadas  
As almas castamente amortalhadas  
Na tua estranha e branca Majestade!

índice

## PRESSAGO

Nas águas daquele lago  
Dormita a sombra de Iago...

Um véu de luar funéreo  
Cobre tudo de mistério...

Há um lívido abandono  
Do luar no estranho sono.

Transfiguração enorme  
Encobre o luar que dorme...

Dá meia-noite na ermida,  
Como o último ai de uma vida.

São badaladas nevoentas,  
Sonolentas, sonolentas...

Do céu no estrelado luxo  
Passa o fantasma de um bruxo.

No mar tenebroso e tetro  
Vaga de um naufrago o espectro.

Como fantásticos signos,  
Erram demônios malignos.

Na brancura das ossadas  
Gemem as almas penadas

Lobisomens, feiticeiras  
Gargalham no luar das eiras.

Os vultos dos enforcados  
Uivam nos ventos irados.

Os sinos das torres frias  
Soluçam hipocondrias.

Luxúrias de virgens mortas  
Das tumbas rasgam as portas.

Andam torvos pesadelos  
Arrepiando os cabelos.

Coalha nos lodos abjetos  
O sangue roxo dos fetos.

Há rios maus, amarelos  
De presságio de flagelos.

Das vesgas concupiscências  
Saem vis fosforescências.

Os remorsos contorcidos  
Mordem os ares pungidos.

A alma cobarde de Judas  
Recebe expressões comudas.

Negras aves de rapina  
Mostram a garra assassina.

Sob o céu que nos oprime  
Languescem formas de crime.

Com os mais sinistros furores,  
Saem gemidos das flores.

Caveiras! Que horror medonho!  
Parecem visões de um sonho!

A morte com Sancho Panca,  
Grotesca e trágica dança.

E como um símbolo eterno,  
Ritmos dos Ritmos do inferno.

No lago morto, ondulando,  
Dentre o luar noctivagando,

O corvo hediondo crocita  
Da sombra d'Iago maldita!

índice

## RESSURREIÇÃO

Alma! Que tu não chores e não gemas,  
Teu amor voltou agora.

Ei-lo que chega das mansões extremas,  
Lá onde a loucura mora!

Veio mesmo mais belo e estranho, acaso,  
Desses lívidos países,  
Mágica flor a rebentar de um vaso  
Com prodigiosas raízes.

Veio transfigurada e mais formosa  
Essa ingênua natureza,  
Mais ágil, mais delgada, mais nervosa,  
Das essências da Beleza.

Certo neblinamento de saudade  
Mórbida envolve-a de leve...  
E essa diluente espiritualidade  
Certos mistérios descreve.

O meu Amor voltou de aéreas curvas,  
Das paragens mais funestas...  
Veio de percorrer torvas e turvas  
E funambulescas festas.

As festas turvas e funambulescas  
Da exótica Fantasia,  
Por plagas cabalísticas, dantescas,  
De estranha selvageria.

Onde carrascos de tremendo aspecto  
Como astros monstros circulam  
E as meigas almas de sonhar inquieto  
Barbaramente estrangulam.

Ele andou pelas plagas da loucura,  
O meu Amor abençoado,  
Banhado na poesia da Ternura,  
No meu Afeto banhado.

Andou! Mas afinal de tudo veio  
Mais transfigurado e belo,  
Repousar no meu seio o próprio seio  
Que eu de lágrimas estréio.

De lágrimas de encanto e ardentes beijos,  
Para matar, triunfante,  
A sede ideal de místico desejo  
De quando ele andou errante.

E lágrimas, que enfim, caem ainda  
Com os mais acres dos sabores  
E se transformam (maravilha infinda!)  
Em maravilhas de flores!

Ah! que feliz um coração que escuta  
As origens de que é feito!  
E que não é nenhuma pedra bruta  
Mumificada no peito!

Ah! que feliz um coração que sente  
Ah! tudo vivendo intenso  
No mais profundo borbulhar latente  
Do seu fundo foco imenso!

Sim! eu agora posso ter deveras  
Ironias sacrossantas...  
Posso os braços te abrir, Luz das esferas,  
Que das trevas te levantas.

Posso mesmo já rir de tudo, tudo  
Que me devora e me oprime.  
Voltou-me o antigo sentimento mudo  
Do teu olhar que redime.

Já não te sinto morta na minh'alma  
Como em câmara mortuária,  
Naquela estranha e tenebrosa calma  
De solidão funerária.

Já não te sinto mais embalsamada  
No meu carinho profundo,  
Nas mortalhas da Graça amortalhada,  
Como ave voando do mundo.

Não! não te sinto mortalmente envolta  
Na névoa que tudo encerra...  
Doce espectro do pó, da poeira solta  
Deflorada pela terra.

Não sinto mais o teu sorrir macabro  
De desdenhosa caveira.  
Agora o coração e os olhos abro  
Para a Natureza inteira!

Negros pavores sepulcrais e frios  
Além morreram com o vento...  
Ah! como estou desafogado em rios  
De rejuvenescimento!

Deus existe no esplendor d'algum Sonho,  
Lá em alguma estrela esquiva.

Só ele escuta o soluçar medonho  
E torna a Dor menos viva.

Ah! foi com Deus que tu chegaste, é certo,  
Com a sua graça espontânea  
Que emigraste das plagas do Deserto  
Nu, sem sombra e sol, da Insânia!

No entanto como que volúpias vagas  
Desses horrores amargos,  
Talvez recordação daquelas plagas  
Dão-te esquisitos letargos...

Porém tu, afinal, ressuscitaste  
E tudo em mim ressuscita.  
E o meu Amor, que repurificaste,  
Canta na paz infinita!

### índice

## ENLEVO

Da doçura da Noite, da doçura  
De um tenro coração que vem sorrindo,  
Seus segredos recônditos abrindo  
Pela primeira vez, a luz mais pura.

Da doçura celeste, da ternura  
De um Bem consolador que vai fugindo  
Pelos extremos do horizonte infindo,

Deixando-nos somente a Desventura.

Da doçura inocente, imaculada  
De uma carícia virginal da Infância,  
Nessa de rosas fresca madrugada.

Era assim tua cândida fragrância,  
Arcanjo ideal de auréola delicada,  
Visão consoladora da Distância...

### índice

PIEDOSA  
A Nestor Vitor

Não sei por que, magoada Flor sem glória,  
A tua voz de trêmula meiguice  
Desperta em mim a mocidade flórea  
De sentimentos que não tem velhice.

Guslas de um céu remotamente mudo  
Gemem plangentes nessa voz que voa  
E através dela, abençoando tudo,  
Um luar de perdões desabotoa.

Vejo-te então sublimemente triste  
E excelsa e doce, num anseio lento,  
Vagando como um ser que não existe,  
Transfigurada pelo Sofrimento.

Mas, não sei como, vejo-te por brumas,  
Além da de ouro constelada Porta,  
Na ondulação das lívidas espumas,  
Morta, já morta, muito morta, morta...

E sinto logo esse supremo e sábio  
Travo da dor, se morta te antevejo,  
Essa macabra contração de lábio  
Que morde e tantaliza o meu desejo.

Fico sempre a cismar, se tu morresses  
Que angustia fina me laceraria,  
Que músicas de céus saudosos, desses  
Céus infinitos sobre mim fluiria...

Que anjos brancos soberbos, deslumbrantes,  
Resplandecentes nos broqueis das vestes,  
Claros e altos voariam flamejantes  
Para buscar-te, dos Azuis Celestes.

Sim! Sim! Pois então tanta e atroz fadiga,  
Tanta e tamanha dor convulsa e cega  
Há de ficar sem doce luz amiga,  
Da lágrima dos céus, que tudo rega?!

As batalhas cruéis do sacrifício,  
As transfigurações dos teus calvários,  
Essas virtudes, rolarão com o vício  
Pelos mesmos abismos tumultuários?!

Toda a obscura pureza dos teus feitos,  
A tua alma mais simples do que a água,  
Essa bondade, todos os eleitos

Sentimentos que tens de flor da Mágoa;

Nada se salvará jamais, mais nada  
Se salvará, no instante derradeiro?!  
Ó interrogação desesperada,  
Errante, errante pelo mundo inteiro!

Nada se salvará da essência viva  
Que tudo purifica e refloresce;  
De tanta fé, de tanta luz altiva  
De tanta abnegação, de tanta prece?!

Nada se salvará, piedosa e pobre  
Flor desdenhada pelo Mal ufano,  
Só o meu coração e verso nobre  
Hão de abrigar-te do desprezo humano.

Na transcendência do teu ser, tão alta,  
Vejo dos céus como que os dons, a esmola,  
O indefinido que de ti ressalta  
Me prende, me arrebatava e me consola.

E sinto que a tua alma despreendida  
Do terrestre, do negro labirinto  
Melhor há de adorar-me na outra  
Vida Melhor sentindo tudo quanto eu sinto.

Porque não é por sentimento vago,  
Nem por simples e vã literatura,  
Nem por caprichos de um estilo mago  
Que sinto tanto a tua essência pura.

Não é por transitória veleidade

E para que o mundo reconheça,  
Que sinto a tua cândida Piedade,  
As auréolas de Luz dessa cabeça.

Não é para que o mundo te proclame  
Maravilha das mártires, das santas  
Que eu digo sempre ao meu Amor que te ame  
Mesmo através de tantas ânsias, tantas.

Nem é também para que o mundo creia  
Na humilde limpidez da tua alma justa,  
Que o mundo, vil e vão, desdenha e odeia  
Toda a humildade, toda a crença augusta.

Mas sinto porque te amo e te acompanho  
Pelas montanhas de onde sóis saudosos  
Clarões e sombras de um mistério estranho  
Espalham, como adeuses carinhosos.

Sinto que te acompanho, que te sigo  
Tranquilo, calmo desses vãos rumores  
E que tu vais embalada comigo,  
Na mesma rede de carinho e dores.

Sinto os segredos do teu corpo amado,  
Toda a graça floral, a graça breve,  
Todo o composto lânguido, alquebrado  
Do teu perfil de áureo crescente leve.

Sinto-te as linhas imortais do flanco,  
E as ondas vaporosas dos teus passos  
E todo o sonho castamente branco  
Da volúpia celeste desses braços.

Sinto a muda expressão da tua boca  
Feita num doce e doloroso corte  
De beijo dado na veemência louca  
Dos céus do gozo entre o estertor da morte.

Sinto-te as nobres mãos afagadoras,  
Riquezas raras de um valor secreto  
E mãos cujas carícias redentoras  
São as carícias do supremo Afeto.

Sinto os teus olhos fluidos, de onde emerge  
Uma graça, uma paz, tamanho encanto,  
Tão brando e triste, que a minha alma asperge  
Em suavíssimos bálsamos de pranto.

Uns olhos tão etéreos, tão profundos,  
De tanta e tão sutil delicadeza  
Que parecem viver lá n'outros mundos,  
Longe da contingente Natureza.

Olhos que sempre no tremendo choque  
Dos sofrimentos íntimos, latentes,  
Tem esse toque amigo, o velho toque  
Original das lágrimas ardentes.

Ah! só eu vejo e sinto esse desvelo  
Que transfigura e faz o teu martírio,  
O sentimento amargurado e belo  
Que e já, talvez, quase mortal delírio...

Sinto que a mesma chama nos abraça,  
Que um perfume eternal, casto, esquisito,  
Circula e vive com divina graça

Dentro do nosso trêmulo Infinito.

E tudo quanto me sensibiliza,  
Fere, magoa, dilacera, punge,  
Tudo no teu olhar se cristaliza,  
No teu olhar, no teu olhar que unge.

Sinto por ti o mais febril e intenso  
Carinho quase louco, doentio...  
Carinho singular, curioso, imenso,  
Que deixa na alma um resplendor sombrio.

E e de tal forma esse carinho raro,  
De tal encanto e tão sagrada essência,  
De tal Piedade e tal Perdão preclaro,  
Que canta na estrelada Refulgência.

Ah! nunca saberás quanto exotismo  
De sentimento me alanceia e pulsa,  
Vibra violinos de sonambulismo  
Nest'alma ora serena, ora convulsa!

Tens luz de lua e tens gorjeios de ave  
No mundo virginal dos meus sentidos,  
E és sonho, sombra de Angelus suave  
Nos nossos mútuos e comuns gemidos.

E sonho, sombra de Angelus, tão brandos,  
Imortalmente tão indefiníveis  
Que todos os terrores execrandos  
Cobrem-se para nós de íris sensíveis.

É assim que eu te sinto, erma, sozinha,

Frágil, piedosa, nos singelos brilhos  
Erguendo aos braços, nobremente minha,  
Os dolentes troféus dos nossos filhos.

Erguendo-os como cálices amargos  
De um vinho ideal de já mortas quimeras,  
Para além destes céus mudos e largos  
Na ampla misericórdia das Esferas!

### índice

## AUSÊNCIA MISTERIOSA

Uma hora só que o teu perfil se afasta,  
Um instante sequer, um só minuto  
Desta casa que amo -- vago luto  
Envolve logo esta morada casta.

Tua presença delicada basta  
Para tudo tornar claro e impoluto...  
Na tua ausência, da Saudade escuto  
O pranto que me prende e que me arrasta...

Secretas e sutis melancolias  
Recuadas na Noite dos meus dias  
Vêm para mim, lentas, se aproximando.

E em toda casa, nos objetos, erra  
Um sentimento que não é da Terra  
E que eu mudo e sozinho vou sonhando...

## índice

### MEU FILHO

Ah! quanto sentimento! ah! quanto sentimento!  
Sob a guarda piedosa e muda das Esferas  
Dorme, calmo, embalado pela voz do vento,  
Frágil e pequenino e tenro como as heras.

Ao mesmo tempo suave e ao mesmo tempo estranho  
O aspecto do meu filho assim meigo dormindo...  
Vem dele tal frescura e tal sonho tamanho  
Que eu nem mesmo já sei tudo que vou sentindo.

Minh'alma fica presa e se debate ansiosa,  
Em vão soluça e clama, eternamente presa  
No segredo fatal dessa flor caprichosa,  
Do meu filho, a dormir, na paz da Natureza.

Minh'alma se debate e vai gemendo aflita  
No fundo turbilhão de grandes ânsias mudas:  
Que esse tão pobre ser, de ternura infinita,  
Mais tarde irá tragar os venenos de Judas!

Dar-lhe eu beijos, apenas, dar-lhe, apenas, beijos,  
Carinhos dar-lhe sempre, efêmeros, aéreos,  
O que vale tudo isso para outros desejos,  
O que vale tudo isso para outros mistérios?!

De sua doce mãe que em prantos o abençoa  
Com o mais profundo amor, arcangelicamente,  
De sua doce mãe, tão límpida, tão boa,  
O que vale esse amor, todo esse amor veemente?!

O longo sacrifício extremo que ela faça,  
As vigílias sem nome, as orações sem termo,  
Quando as garras cruéis e horríveis da Desgraça  
De sadio que ele é, fazem-no fraco e enfermo?!

Tudo isso, ah! Tudo isso, ah! quanto vale tudo isso  
Se outras preocupações mais fundas me laceram,  
Se a graça de seu riso e a graça do seu viço  
São as flores mortais que meu tormento geram?!

Por que tantas prisões, por que tantas cadeias  
Quando a alma quer voar nos paramos liberta?  
Ah! Céus! Quem me revela essas Origens cheias  
De tanto desespero e tanta luz incerta!

Quem me revela, pois, todo o tesouro imenso  
Desse imenso Aspirar tio entranhado, extremo!  
Quem descobre, afinal, as causas do que eu penso,  
As causas do que eu sofro, as causas do que eu gemo!

Pois então hei de ter um afeto profundo,  
Um grande sentimento, um sentimento insano  
E hei de vê-lo rolar, nos turbilhões do mundo,  
Para a vala comum do eterno Desengano?!

Pois esse filho meu que ali no berço dorme,  
Ele mesmo tão casto e tão sereno e doce  
Vem para ser na Vida o vão fantasma enorme

Das dilacerações que eu na minh'alma trouxe?!

Ah! Vida! Vida! Vida! Incendiada tragédia,  
Transfigurado Horror, Sonho transfigurado,  
Macabras contorções de lúgubre comédia  
Que um cérebro de louco houvesse imaginado!

Meu filho que eu adoro e cubro de carinhos,  
Que do mundo vilão ternamente defendo,  
Há de mais tarde errar por tremedais e espinhos  
Sem que o possa acudir no suplicio tremendo.

Que eu vagarei por fim nos mundos invisíveis,  
Nas diluentes visões dos largos Infinitos,  
Sem nunca mais ouvir os clamores horríveis,  
A mágoa dos seus ais e os ecos dos seus gritos.

Vendo-o no berço assim, sinto muda agonia,  
Um misto de ansiedade, um misto de tortura.  
Subo e paio dos céus na estrelada harmonia  
E desço e entro do Inferno a furna hórrida, escura.

E sinto sede intensa e intensa febre, tanto,  
Tanto Azul, tanto abismo atroz que me deslumbra.  
Velha saudade ideal, monja de amargo Encanto,  
Desce por sobre mim sua estranha penumbra.

Tu não sabes, jamais, tu nada sabes, filho,  
Do tormentoso Horror, tu nada sabes, nada...  
O teu caminho é claro, é matinal de brilho,  
Não conheces a sombra e os golpes da emboscada.

Nesse ambiente de amor onde dormes teu sono

Não sentes nem sequer o mais ligeiro espectro...  
Mas, ah! eu vejo bem, sinistra, sobre o trono,  
A Dor, a eterna Dor, agitando o seu cetro!

## índice

### VISÃO GUIADORA

Ó alma silenciosa e compassiva  
Que conversas com os Anjos da Tristeza,  
Ó delicada e lânguida beleza  
Nas cadeias das lágrimas cativa.

Frágil, nervosa timidez lasciva,  
Graça magoada, doce sutileza  
De sombra e luz e da delicadeza  
Dolorosa de música aflitiva.

Alma de acerbo, amargurado exílio,  
Perdida pelos céus num vago idílio  
Com as almas e visões dos desolados.

Ó tu que és boa e porque és boa és bela,  
Da Fé e da Esperança eterna estrela  
Todo o caminho dos desamparados.

## índice

## LITANIA DOS POBRES

Os miseráveis, os rotos  
São as flores dos esgotos.

São espectros implacáveis  
Os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas  
Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários  
Dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,  
Cegos, a tatear nas portas.

Procurando o céu, aflitos  
E varando o céu de gritos.

Faróis a noite apagados  
Por ventos desesperados.

Inúteis, cansados braços  
Pedindo amor aos Espaços.

Mãos inquietas, estendidas  
Ao vão deserto das vidas.

Figuras que o Santo Ofício  
Condena a feroz suplício.

Arcas soltas ao nevoento  
Dilúvio do Esquecimento.

Perdidas na correnteza  
Das culpas da Natureza.

Ó pobres! Soluços feitos  
Dos pecados imperfeitos!

Arrancadas amarguras  
Do fundo das sepulturas.

Imagens dos deletérios,  
Imponderáveis mistérios.

Bandeiras rotas, sem nome,  
Das barricadas da fome.

Bandeiras estraçalhadas  
Das sangrentas barricadas.

Fantasmas vãos, sibilinos  
Da caverna dos Destinos!

O pobres! o vosso bando  
É tremendo, é formidando!

Ele já marcha crescendo,  
O vosso bando tremendo...

Ele marcha por colinas,  
Por montes e por campinas.

Nos areiais e nas serras  
Em hostes como as de guerras.

Cerradas legiões estranhas  
A subir, descer montanhas.

Como avalanches terríveis  
Enchendo plagas incríveis.

Atravessa já os mares,  
Com aspectos singulares.

Perde-se além nas distâncias  
A caravana das ânsias.

Perde-se além na poeira,  
Das Esferas na cegueira.

Vai enchendo o estranho mundo  
Com o seu soluçar profundo.

Como torres formidandas  
De torturas miserandas.

E de tal forma no imenso  
Mundo ele se torna denso.

E de tal forma se arrasta  
Por toda a região mais vasta.

E de tal forma um encanto  
Secreto vos veste tanto.

E de tal forma já cresce  
O bando, que em vós parece.

Ó Pobres de ocultas chagas  
Lá das mais longínquas plagas!

Parece que em vós há sonho  
E o vosso bando é risonho.

Que através das rotas vestes  
Trazeis delícias celestes.

Que as vossas bocas, de um vinho  
Prelibam todo o carinho...

Que os vossos olhos sombrios  
Trazem raros amavios.

Que as vossas almas trevosas  
Vêm cheias de odor das rosas.

De torpores, d'indolências  
E graças e quint'essências.

Que já livres de martírios  
Vêm festonadas de lírios.

Vem nimbadas de magia,  
De morna melancolia!

Que essas flageladas almas  
Reverdecem como palmas.

Balanceadas no letargo  
Dos sopros que vem do largo...

Radiantes d'ilusionismos,  
Segredos, orientalismos.

Que como em águas de lagos  
Bóiam nelas cisnes vagos...

Que essas cabeças errantes  
Trazem louros verdejantes.

E a languidez fugitiva  
De alguma esperança viva.

Que trazeis magos aspeitos  
E o vosso bando é de eleitos.

Que vestes a pompa ardente  
Do velho Sonho dolente.

Que por entre os estertores  
Sois uns belos sonhadores.

### índice

#### SPLEEN DE DEUSES

Oh! Dá-me o teu sinistro Inferno  
Dos desesperos tétricos, violentos,  
Onde rugem e bramem como os ventos  
Anátemas da Dor, no fogo eterno...

Dá-me o teu fascinante, o teu falerno  
Dos falernos das lágrimas sangrentos  
Vinhos profundos, venenosos, lentos  
Matando o gozo nesse horror do Averno.

Assim o Deus dos Páramos clamava  
Ao Demônio soturno, e o rebelado,  
Capricórnio Satã, ao Deus bradava.

Se és Deus-e já de mim tens triunfado,  
Para lavar o Mal do Inferno e a bava  
Dá-me o tédio senil do céu fechado...

## índice

### DIVINA

Eu não busco saber o inevitável  
Das espirais da tua vi matéria.  
Não quero cogitar da paz funérea  
Que envolve todo o ser inconsolável.

Bem sei que no teu circulo maleável  
De vida transitória e mágoa seria  
Há manchas dessa orgânica miséria  
Do mundo contingente , imponderável .

Mas o que eu amo no teu ser obscuro  
E o evangélico mistério puro  
Do sacrifício que te torna heroína.

São certos raios da tu'alma ansiosa  
E certa luz misericordiosa,  
E certa auréola que te fez divina!

## índice

### CABELOS

I

Cabelos! Quantas sensações ao vê-los!  
Cabelos negros, do esplendor sombrio,  
Por onde corre o fluido vago e frio  
Dos brumosos e longos pesadelos...

Sonhos, mistérios, ansiedades, zelos,  
Tudo que lembra as convulsões de um rio  
Passa na noite cálida, no estio  
Da noite tropical dos teus cabelos.

Passa através dos teus cabelos quentes,  
Pela chama dos beijos inclementes,  
Das dolências fatais, da nostalgia...

Auréola negra, majestosa, ondeada,  
Alma da treva, densa e perfumada,  
Lânguida Noite da melancolia!

índice

OLHOS

II

A Grécia d'Arte, a estranha claridade  
D'aquela Grécia de beleza e graça,  
Passa, cantando, vai cantando e passa  
Dos teus olhos na eterna castidade.

Toda a serena e altiva heroicidade

Que foi dos gregos a imortal couraça,  
Aquele encanto e resplendor de raça  
Constelada de antiga majestade,

Da Atenas flórea toda o viço louro,  
E as rosas e os mirtais e as pompas d'ouro,  
Odisséias e deuses e galeras...

Na sonolência de uma lua aziaga,  
Tudo em saudade nos teus olhos vaga,  
Canta melancolias de outras eras!...

## índice

### BOCA

#### III

Boca viçosa, de perfume a lírio,  
Da límpida frescura da nevada,  
Boca de pompa grega, purpureada,  
Da majestade de um damasco assírio.

Boca para deleites e delírio  
Da volúpia carnal e alucinada,  
Boca de Arcanjo, tentadora e arqueada,  
Tentando Arcanjos na amplidão do Empírio,

Boca de Ofélia morta sobre o lago,  
Dentre a auréola de luz do sonho vago  
E os faunos leves do luar inquietos...

Estranha boca virginal, cheirosa,  
Boca de mirra e incensos, milagrosa  
Nos filtros e nos tóxicos secretos...

## índice

### SEIOS

#### IV

Magnólias tropicais, frutos cheirosos  
Das árvores do Mal fascinadoras,  
Das negras mancenilhas tentadoras,  
Dos vagos narcotismos venenosos.

Oásis brancos e miraculosos  
Das frementes volúpias pecadoras  
Nas paragens fatais, aterradoras  
Do Tédio, nos desertos tenebrosos...

Seios de aroma embriagador e langue,  
Da aurora de ouro do esplendor do sangue,  
A alma de sensações tantalizando.

Ó seios virginiais, tálamos vivos  
Onde do amor nos êxtases lascivos  
Velhos faunos febris dormem sonhando...

## índice

### MÃOS

V

Ó Mãos ebúrneas, Mãos de claros veios,  
Esquisitas tulipas delicadas,  
Lânguidas Mãos sutis e abandonadas,  
Finas e brancas, no esplendor dos seios.

Mãos etéricas, diáfanas, de enleios,  
De eflúvios e de graças perfumadas,  
Relíquias imortais de eras sagradas  
De amigos templos de relíquias cheios.

Mãos onde vagam todos os segredos,  
Onde dos ciúmes tenebrosos, tredos,  
Circula o sangue apaixonado e forte.

Mãos que eu amei, no féretro medonho  
Frias, já murchas, na fluidez do Sonho,  
Nos mistérios simbólicos da Morte!

## índice

### PÉS

## VI

Lívidos, frios, de sinistro aspecto,  
Como os pés de Jesus, rotos em chaga,  
Inteiriçados, dentre a auréola vaga  
Do mistério sagrado de um afeto.

Pés que o fluido magnético, secreto  
Da morte maculou de estranha e maga  
Sensação esquisita que propaga  
Um frio n'alma, doloroso e inquieto...

Pés que bocas febris e apaixonadas  
Purificaram, quentes, inflamadas,  
Com o beijo dos adeuses soluçantes.

Pés que já no caixão, enrijecidos,  
Aterradoramente indefinidos  
Geram fascinações dilacerantes!

## índice

## CORPO

### VII

Pompas e pompas, pompas soberanas  
Majestade serena da escultura  
A chama da suprema formosura,  
A opulência das púrpuras romanas.

As formas imortais, claras e ufanas,

Da graça grega, da beleza pura,  
Resplendem na arcangélica brancura  
Desse teu corpo de emoções profanas.

Cantam as infinitas nostalgias,  
Os mistérios do Amor, melancolias,  
Todo o perfume de eras apagadas...

E as águias da paixão, brancas, radiantes,  
Voam, revoam, de asas palpitantes,  
No esplendor do teu corpo arrebatadas!

## índice

### CANÇÃO NEGRA A Nestor Vitor

Ó boca em tromba retorcida  
Cuspindo injúrias para o Céu,  
Aberta e pútrida ferida  
Em tudo pondo igual labéu.

Ó boca em chamas, boca em chamas,  
Da mais sinistra e negra voz,  
Que clamas, clamas, clamas, clamas,  
Num cataclismo estranho, atroz.

Ó boca em chagas, boca em chagas,  
Somente anátemas a rir,  
De tantas pragas, tantas pragas

Em catadupas a rugir.

Ó bocas de uivos e pedradas,  
Visão histérica do Mal,  
Cortando como mil facadas  
Dum golpe só, transcendental.

Sublime boca sem pecado,  
Cuspindo embora a lama e o pus,  
Tudo a deixar transfigurado,  
O lodo a transformar em luz.

Boca de ventos inclemente  
De universais revoluções,  
Alevantando as hostes quentes,  
Os sanguinários batalhões.

Abençoada a canção velha  
Que os lábios teus cantam assim  
Na tua face que se engelha,  
Da cor de lívido marfim.

Parece a fuma do Castigo  
Jorrando pragas na canção,  
A tua boca de mendigo,  
Tão tosco como o teu bordão.

Boca fatal de torvos trenos!  
Da onipotência do bom Deus,  
Louvados sejam tais venenos,  
Purificantes como os teus!

Tudo precisa um ferro em brasa

Para este mundo transformar...  
Nos teus Anátemas põe asa  
E vai no mundo praguejar!

Ó boca ideal de rudes trovas,  
Do mais sangrento resplendor,  
Vai reflorir todas as covas,  
O facho a erguer da luz do Amor.

Nas vãs misérias deste mundo  
Dos exorcismos cospe o fel...  
Que as tuas pragas rasguem fundo  
O coração desta Babel.

Mendigo estranho! Em toda a parte  
Vai com teus gritos, com teus ais,  
Como o simbólico estandarte  
Das tredas convulsões mortais!

Resume todos esses travos  
Que a terra fazem languescer.  
Das mãos e pés arranca os cravos  
Das cruces mil de cada Ser.

A terra é mãe! -- mas ébria e louca  
Tem germens bons e germens vis...  
Bendita seja a negra boca  
Que tão malditas coisas diz!

## A IRONIA DOS VERMES

Eu imagino que és uma princesa  
Morta na flor da castidade branca...  
Que teu cortejo sepulcral arranca  
Por tanta pompa espasmos de surpresa.

Que tu vais por um coche conduzida,  
Por esquadrões flamívomos guardada,  
Como carnal e virgem madrugada,  
Bela das belas, sem mais sol, sem vida.

Que da Corte os luzidos Dignitários  
Com seus aspectos marciais, bizarros,  
Seguem-te após nos fagulhantes, carros  
E a excelsa cauda dos cortejos vários.

Que a tropa toda forma nos caminhos  
Por onde irás passar indiferente;  
Que há no semblante vão de toda a gente  
Curiosidades que parecem vinhos.

Que os potentes canhões roucos atroam  
O espaço claro de uma tarde suave,  
E que tu vais, Lírio dos lírios e ave  
Do Amor, por entre os sons que te coroam.

Que nas flores, nas sedas, nos veludos,  
E nos cristais do féretro radiante  
Nos damascos do Oriente, na faiscante  
Onda de tudo há longos prantos mudos.

Que do silêncio azul da imensidade,  
Do perdão infinito dos Espaços  
Tudo te dá os beijos e os abraços  
Do seu adeus a tua Majestade.

Que de todas as coisas como Verbo  
De saudades sem termo e de amargura,  
Sai um adeus a tua formosura,  
Num desolado sentimento acerbo.

Que o teu corpo de luz, teu corpo amado,  
Envolto em finas e cheirosas vestes,  
Sob o carinho das Mansões celestes  
Ficará pela Morte encarcerado.

Que o teu séquito é tal, tal a coorte,  
Tal o sol dos brasões, por toda a parte,  
Que em vez da horrenda Morte suplantar-te  
Crê-se que és tu que suplantaste a Morte.

Mas dos faustos mortais a regia trompa,  
Os grandes ouropéis, a real Quermesse,  
Ah! tudo, tudo proclamar parece  
Que hás de afinal apodrecer com pompa.

Como que foram feitos de luxúria  
E gozo ideal teus funerais luxuosos  
Para que os vermes, pouco escrupulosos,  
Não te devorem com plebéia fúria.

Para que eles ao menos vendo as belas  
Magnificências do teu corpo exausto  
Mordam-te com cuidados e cautelas  
Para o teu corpo apodrecer com fausto.

Para que possa apodrecer nas frias  
Geleiras sepulcrais d'esquecimentos,  
Nos mais augustos apodrecimentos,  
Entre constelações e pedrarias.

Mas ah! quanta ironia atroz, funérea,  
Imaginária e cândida Princesa:  
És igual a uma simples camponesa  
Nos apodrecimentos da Matéria!

### índice

## INÊS

Tem teu nome a estranha graça  
De uma galga verde, estranha.  
Certo langor te adelgaça,  
Certo encanto te acompanha.

És velada, quebradiça  
Como teu nome é velado.  
Certa flor curiosa viça  
No teu corpo edenizado.

Chamam-te a Inês dos quebrantos,  
A galga verde, a felina,  
Amaranto de amarantos,  
Das franzinas a franzina.

Teus olhos, langues aquários  
Adormentados de cisma,  
Vivem mudos, solitários  
Como uma treva que abisma.

Tua boca, vivo cravo  
Sangüíneo, púrpuro, ardente,  
De certa forma tem travo  
Embora veladamente.

És lírio de velho outono,  
Meiga Inês, e de tal sorte  
Que já vives no abandono,  
Meio enevoadada da morte.

Teu beijo, do rosmaninho  
Tem o sainete amargoso...  
Lembra a saudade de um vinho  
Secreto, mas venenoso.

Por um mistério indizível  
Não te é dado amar na terra.  
Vem de longe o Indefinível  
Que os teus silêncios encerra!

Deus fechou-te a sete chaves  
O coração lá no fundo...  
Mas deu-te as asas das aves  
Para irradiar no mundo.

## HUMILDADE SECRETA

Fico parado, em êxtase suspenso,  
Às vezes, quando vou considerando  
Na humildade simpática, no brando  
Mistério simples do teu ser imenso.

Tudo o que aspiro, tudo quanto penso  
D'estrelas que andam dentro em mim cantando,  
Ah! tudo ao teu fenômeno vai dando  
Um céu de azul mais carregado e denso.

De onde não sei tanta simplicidade,  
Tanta secreta e límpida humildade  
Vem ao teu ser como os encantos raros.

Nos teus olhos tu alma transparece...  
E de tal sorte que o bom Deus parece  
Viver sonhando nos teus olhos claros.

índice

## FLOR PERIGOSA

Ah! quem, trêmulo e pálido, medita  
No teu perfil de áspide triste, triste,  
Não sabe em quanto abismo essa infinita

Tristeza amarga singular consiste.

Tens todo o encanto de uma flor, o encanto  
Secreto de uma flor de vago aroma...  
Mas não sei que de morno e de quebranto  
Vem, lasso e langue, dessa negra coma.

És das origens mais desconhecidas,  
De uma longínqua e nebulosa infância.  
A visão das visões indefinidas,  
De atra, sinistra mórbida elegância.

Como flor, entretanto, és bem amarga!  
Pólen celestes o teu ser inundam,  
Mas ninguém sabe a onda nervosa e larga  
Dos insetos mortais que te circundam.

Quem teu aroma de mulher aspira  
Fica entre ânsias de túmulo fechado...  
Sente vertigens de vulcão, delira  
E morre, sutilmente envenenado.

Teu olhar de fulgências e de treva,  
Onde as volúpias a pecar se ajustam,  
Guarda um mistério que envilece e eleva,  
Causa delíquios e emoções que assustam.

És flor, mas como flor és perigosa,  
Do mais sombrio e tétrico perigo...  
Fenômenos fatais de luz ansiosa  
Vão pelas noites segredar contigo.

Vão segredar que és feia e que és estranha

Sendo feia, mas sendo extravagante,  
De enorme, de esquisita, de tamanha  
Influência de eclipse radiante...

Sei! não nasceste sob a luz que ondeia  
Na beleza e nos astros da saúde;  
Mas sendo assim, morbidamente feia,  
O teu ser feia torna-se virtude.

És feia e doente, surges desse misto,  
Da exótica, da insana, da funesta  
Auréola ideal dos martírios de Cristo  
Naquela Dor absurdamente mesta.

Vens de lá, vens de lá -- fundos remotos  
Adelgaçando como os véus de um rio...  
Abrindo do magoado e velho lótus  
Do sentimento, todo o sol doentio...

Mas quem quiser saber o quanto encerra  
Teu ser, de mais profundo e mais nevoento,  
Venha aspirar-te no teu vaso -- a Terra --  
Ó perigosa flor do esquecimento!

índice

## METEMPSICOSE

Agora, já que apodreceu a argila  
Do teu corpo divino e sacrossanto;

Que embalsamaram de magoado pranto  
A tua carne, na mudez tranqüila,

Agora, que nos Céus, talvez, se asila  
Aquele graça e luminoso encanto  
De virginal e pálido amaranto  
Entre a Harmonia que nos Céus desfila.

Que da morte o estupor macabro e feio  
Congelou as magnólias do teu seio,  
Por entre catalépticas visões...

Surge, Bela das Belas, na Beleza  
Do transcendentalismo da Pureza,  
Nas brancas, imortais Ressurreições!

índice

## OS MONGES

Montanhas e montanhas e montanhas  
    Ei-los que vão galgando.  
As sombras vãs das figuras estranhas  
    Na Terra projetando.

Habitam nas mansões do Imponderável  
    Esses graves ascetas;  
Ocultando, talvez, no Inconsolável  
    Amarguras inquietas.

Como os reis Magos, trazem lá do Oriente  
As alfaias preciosas,  
Mas alfaias, surpreendentemente,  
As mais miraculosas.

Nem incensos, nem mirras e nem ouros,  
Nem mirras nem incensos,  
Outros mais raros, mágicos tesouros  
Sobre todos, imensos.

Pelos longínquos, sáfaros caminhos  
Que vivem percorrendo,  
A Dor, como atros, venenosos vinhos,  
Os vai deliquescendo.

São os monges sombrios, solitários,  
Como esses vagos rios  
Que passam nas florestas tumultuários,  
Solitários, sombrios.

São monges das florestas encantadas,  
Dos ignotos tumultos,  
Almas na Terra desassossegadas,  
Desconsolados vultos.

São os monges da Graça e do Mistério,  
Faróis da Eternidade  
Iluminando todo o Azul sidéreo  
Da sagrada Saudade.

-- Onde e quando acharão o seu descanso  
Eles que há tanto vagam?  
Em que dia terão esse remanso

Os seus pés que se chagam?

Quando caminham nas Regiões nevoentas,  
Da lua nos quebrantos,  
As suas sombras vagarosas, lentas  
Ganham certos encantos...

Ficam nimbados pela luz da lua  
Os seus perfis tristonhos...  
Sob a dolência peregrina e crua  
Dos tantálicos sonhos.

As Ilusões são seus mantos sangüíneos  
De símbolos de dores,  
De signos, de solenes vaticínios,  
De nirvânicas flores.

Benditos monges imortais, benditos  
Que etéreas harpas tangem!  
Que rasgam d'alto a baixo os Infinitos,  
Infinitos abrangem.

Deixai-os ir com os seus troféus bizarros  
De humano Sentimento,  
Arreatados pelos ígneos carros  
Do augusto Pensamento.

Que os leve a graça das errantes almas,  
-- Grandes asas de tudo --  
Entre as Hosanas, o verdor das palmas,  
Entre o Mistério mudo!

Não importa saber que rumo trazem

Nem se é longo esse rumo...  
Eles no Indefinido se comprazem,  
São dele a chama e o fumo.

Deixai-os ir pela Amplitão a fora,  
Nos Silêncios da esfera,  
Nos esplendores da eternal Aurora  
Coroados de Quimera!

Deixai-os ir pela Amplitão, deixai-os,  
No segredo profundo,  
Por entre fluidos de celestes raios  
Transfigurando o mundo.

Que só os astros do Azul cintilam  
Pela sidérea rede  
Saibam que os monges, lívidos, desfilam  
Devorados de sede...

Que ninguém mais possa saber as ânsias  
Nem sentir a Dolência  
Que vindo das incógnitas Distancias  
E dos monges a essência!

Monges, ó monges da divina Graça,  
Lá da graça divina,  
Deu-vos o Amor toda a imortal couraça  
Dessa Fé que alucina.

No meio de anjos que vos-abençoam  
Corações estremecem...  
E tudo eternamente vos perdoam  
Os que não vos esquecem.

Toda a misericórdia dos espaços  
    Vos oscule, surpresa...  
E abri, serenos, largamente, os braços  
    A toda a Natureza!

## índice

### TRISTEZA DO INFINITO

Anda em mim, soturnamente,  
Uma tristeza ociosa  
Sem objetivo, latente,  
Vaga, indecisa, medrosa.

Como ave torva e sem rumo,  
Ondula, vagueia, oscila  
E sobe em nuvens de fumo  
E na minh'alma se asila.

Uma tristeza que eu, mudo,  
Fico nela meditando  
E meditando, por tudo  
E em toda a parte sonhando.

Tristeza de não sei donde,  
De não sei quando nem como...  
Flor mortal, que dentro esconde  
Sementes de um mago pomo.

Dessas tristezas incertas,  
Esparsas, indefinidas...  
Como almas vagas, desertas  
No rumo eterno das vidas.

Tristeza sem causa forte,  
Diversa de outras tristezas,  
Nem da vida nem da morte  
Gerada nas correntezas...

Tristeza de outros espaços,  
De outros céus, de outras esferas,  
De outros límpidos abraços,  
De outras castas primaveras.

Dessas tristezas que vagam  
Com volúpias tão sombrias  
Que as nossas almas alagam  
De estranhas melancolias.

Dessas tristezas sem fundo,  
Sem origens prolongadas,  
Sem saudades deste mundo,  
Sem noites, sem alvoradas.

Que principiam no sonho  
E acabam na Realidade,  
Através do mar tristonho  
Desta absurda Imensidade.

Certa tristeza indizível,  
Abstrata, como se fosse  
A grande alma do Sensível  
Magoada, mística, doce.

Ah! tristeza imponderável,  
Abismo, mistério aflito,  
Torturante, formidável...  
Ah! tristeza do Infinito!

## índice

### LUAR DE LÁGRIMAS

I

Nos estrelados, límpidos caminhos  
Dos Céus, que um luar criva de prata e de ouro,  
Abrem-se róseos e cheirosos ninhos,  
E há muitas messes do bom trigo louro.

Os astros cantam meigas cavatinas,  
E na frescura as almas claras gozam  
Alvoradas eternal, cristalinas,  
E os Dons supremos, divinais esposam.

Lá, a florescência dos Desejos  
Tem sempre um novo e original perfume,  
Tudo rejuvenesce dentre harpejos  
E dentre palmas verdes se resume.

As próprias mocidades e as infâncias  
Das coisas tem um esplendor infindo  
E as imortalidades e as distancias

Estão sempre florindo e re florindo.  
Tudo aí se consola e transfigura  
Num Relicário de viver perfeito,  
E em cada uma alma peregrina e pura  
Alvora o sentimento mais eleito.

Tudo aí vive e sonha o imaculado  
Sonho esquisito e azul das quint'essências,  
Tudo é sutil e cândido, estrelado,  
Embalsamado de eternas essências.

Lá as Horas são águias, voam, voam  
Com grandes asas resplandecedoras...  
E harpas augustas finamente soam  
As Aleluias glorificadoras.

Forasteiros de todos os matizes  
Sentem ali felicidades castas  
E os que essas libações gozam felizes  
Deixam da terra as vastidões nefastas.

Anjos excelsos e contemplativos,  
Soberbos e solenes, soberanos,  
Com aspectos grandiloquos, altivos,  
Sonham sorrindo, angelicais e ufanos.

Lá não existe a convulsão da Vida  
Nem os tremendos, trágicos abrolhos.  
Há por tudo a doçura indefinida  
Dos azuis melancólicos de uns olhos.

Véus brancos de Visões resplandecentes  
Miraculosamente se adelgaçam...

E recordando essas Visões diluentes  
Dolências beethovínicas perpassam.

Há magos e arcangélicos poderes  
Para que as existências se transformem...  
E os mais egrégios e completos seres  
Sonos sagrados, impolutos dormem...

E lá que vagam, que plangentes erram,  
Lá que devem vagar, decerto, flóreas,  
Puras, as Almas que eu perdi, que encerram  
O meu Amor nas Urnas ilusórias.

Hosanas de perdão e de bondade  
De celestial misericórdia santa  
Abençoam toda essa claridade  
Que na harmonia das Esferas canta.

Preces ardentes como ardentes sarças  
Sobem no meio das divinas messes.  
Lembra o vôo das pombas e das garças  
A leve ondulação de tantas preces.

E quem penetra nesse ideal Domínio,  
Por entre os raios das estrelas belas,  
Todo o celeste e singular escrínio,  
Todo o escrínio das lágrimas vê nelas.

E absorto, penetrando os Céus tão calmos,  
Céus de constelações que maravilham,  
Não sabe, acaso, se com os brilhos almos,  
São estrelas ou lágrimas que brilham.

Mas ah! das Almas esse azul letargo,  
Esse eterno, imortal Isolamento,  
Tudo se envolve num luar amargo  
De Saudade, de Dor, de Esquecimento!

Tudo se envolve nas neblinas densas  
De outras recordações, de outras lembranças,  
No doce luar das lágrimas imensas  
Das mais inconsoláveis esperanças.

II  
Ó mortos meus, ó desabados mortos!  
Chego de viajar todos os portos.

Volto de ver inóspitas paragens,  
As mais profundas regiões selvagens.

Andei errando por funestas tendas  
Onde das almas escutei as lendas.

E tornei a voltar por uma estrada  
Erma, na solidão, abandonada.

Caminhos maus, atalhos infinitos  
Por onde só ouvi ânsias e gritos.

por toda a parte a rir o incêndio e a peste  
Debaixo da Ilusão do Azul celeste.

Era também luar, luar lutuoso  
Pelas estradas onde errei saudoso...

Era também luar, o luar das penas,  
Brando luar das Ilusões terrenas.

Era um luar de triste morbidez  
Amortalhando toda a natureza.

E eu em vão busquei, Mortos queridos,  
Por entre os meus tristíssimos gemidos.

Em vão pedi os filtros dos segredos  
Da vossa morte, a voz dos arvoredos.

Em vão fui perguntar ao Mar que é cego  
A lei do Mar do Sonho onde navego.

Ao Mar que é cego, que não vê quem morre  
Nas suas ondas, onde o sol escorre...

Em vão fui perguntar ao Mar antigo  
Qual era o vosso desolado abrigo.

Em vão vos procurei cheio de chagas,  
Por estradas insólitas e vagas.

Em vão andei mil noites por desertos,  
Com passos, espectrais, dúbios, incertos.

Em vão clamei pelo luar a fora,  
Pelos ocasos, pelo albor da aurora.

Em vão corri nos areiais terríveis  
E por curvas de montes impassíveis.

Só um luar, só um luar de morte  
Vagava igual a mim, com a mesma sorte.

Só um luar sempre calado e dútil,  
Para a minha aflição, acerbo e inútil.

Um luar de silêncio formidável  
Sempre me acompanhando, impenetrável.

Só um luar de mortos e de mortas  
Para sempre a fechar-me as vossas portas.

E eu, já purgado dos terrestres  
Crimes, Sem achar nunca essas portas sublimes.

Sempre fechado a chave de mistério  
O vosso exílio pelo Azul sidéreo.

Só um luar de trêmulos martírios  
A iluminar-me com clarões de círios.

Só um luar de desespero horrendo  
Ah! sempre me pungindo e me vencendo.

Só um luar de lágrimas sem termos  
Sempre me perseguindo pelos ermos.

E eu caminhando cheio de abandono  
Sem atingir o vosso claro trono.

Sozinho para longe caminhando  
Sem o vosso carinho venerando.

Percorrendo o deserto mais sombrio  
E de abandono a tiritar de frio...

Ó Sombras meigas, ó Refúgios ternos  
Ah! como penetrei tantos Infernos!

Como eu descí sem vós negras escarpas,  
A Almas do meu ser, Ó Almas de harpas!

Como senti todo esse abismo ignaro  
Sem nenhuma de vós por meu amparo.

Sem a benção gozar, serena e doce,  
Que o vosso Ser aos meus cuidados trouxe.

Sem ter ao pé de mim o astral cruzeiro  
Do vosso grande amor alvissareiro.

Por isso, ó sombras, sombras impolutas,  
Eu ando a perguntar as formas brutas.

E ao vento e ao mar e aos temporais que ululam  
Onde é que esses perfis se crepusculam.

Caminho, a perguntar, em vão, a tudo,  
E só vejo um luar soturno e mudo.

Só contemplo um luar de sacrifícios,  
De angústias, de tormentas, de cilícios.

E sem ninguém, ninguém que me responda  
Tudo a minh'alma nos abismos sonda.

Tudo, sedenta, quer saber, sedenta  
Na febre da Ilusão que mais aumenta.

Tudo, mas tudo quer saber, não cessa  
De perscrutar e a perscrutar começa.

De novo sobe e desce escadarias  
D'estrelas, de mistérios, de harmonias.

Sobe e não cansa, sobe sempre, austera,  
Pelas escadarias da Quimera.

Volta, circula, abrindo as asas volta  
E os vôos de águia nas Estrelas solta.

Cada vez mais os vôos no alto apruma  
Para as etéreas amplidões da Bruma.

E tanta força na ascensão desprende  
Da envergadura, a proporção que ascende...

Tamanho impulso, colossal, tamanho  
Ganha na Altura, no Esplendor estranho.

Tanto os esforços em subir concentra,  
Em tantas zonas de Prodígios entra.

Nas duas asas tal vigor supremo  
Leva, através de todo o Azul extremo,

Que parece cem águias de atrás garras  
Com asas gigantescas e bizarras.

Cem águias soberanas, poderosas  
Levantando as cabeças fabulosas.

E voa, voa, voa, voa imersa  
Na grande luz dos Paramos dispersa.

E voa, voa, voa, voa, voa  
Nas Esferas sem fim perdida a toa.

Ate que exausta da fadiga e sonho  
Nessa vertigem, nesse errar medonho.

Ate que tonta de abranger Espaços,  
Da Luz nos fulgidíssimos abraços.

Depois de voar a tão sutis Encantos,  
Vendo que as Ilusões a abandonaram,  
Chora o luar das lágrimas, os prantos

Que pelos Astros se cristalizaram!

índice

## ÉBRIOS E CEGOS

Fim de tarde sombria.  
Torvo e pressago todo o céu nevoento.  
Densamente chovia.  
Na estrada o lodo e pelo espaço o vento.

Monótonos gemidos  
Do vento, mornos, lânguidos, sensíveis:  
Plangentes ais perdidos  
De solitários seres invisíveis...

Dois secretos mendigos  
Vinham, bambos, os dois, de braço dado,  
Como estranhos amigos  
Que se houvessem nos tempos encontrado.

Parecia que a bruma  
Crepuscular os envolvia, absortos  
Numa visão, nalguma  
Visão fatal de vivos ou de mortos.

E de ambos o andar lasso  
Tinha talvez algum sonambulismo,  
Como através do espaço  
Duas sombras volteando num abismo.

Era tateante, vago  
De ambos o andar, aquele andar tateante  
De ondulação de lago,  
Tardo, arrastado, trêmulo, oscilante.

E tardo, lento, tardo,  
Mais tardo cada vez, mais vagaroso,  
No torvo aspecto pardo  
Da tarde, mais o andar era brumoso.

Bamboleando no lodo,  
Como que juntos resvalando aéreos,  
Todo o mistério, todo  
Se desvendava desses dois mistérios:

Ambos ébrios e cegos,  
No caos da embriaguez e da cegueira,  
Vinham cruzando pegos  
De braço dado, a sua vida inteira.

Ninguém diria, entanto,  
O sentimento trágico, tremendo,  
A convulsão de pranto  
Que aquelas almas iam turvescendo.

Ninguém sabia, certos,  
Quanto os desesperos mais agudos  
Dos mendigos desertos,  
Ébrios e cegos, caminhando mudos.

Ninguém lembrava as ânsias  
Daqueles dois estados meio gêmeos,

Presos nas inconstâncias  
De sofrimentos quase que boêmios.

Ninguém diria nunca,  
Ébrios e cegos, todos dois tateando,  
A que atroz espelunca  
Tinham, sem vista, ido beber, bambeando.

Que negro álcool profundo  
Turvou-lhes a cabeça e que sudário  
Mais pesado que o mundo  
Pôs-lhes nos olhos tal horror mortuário.

E em tudo, em tudo aquilo,  
Naqueles sentimentos tão estranhos.  
De tamanho sigilo,  
Como esses entes vis eram tamanhos!

Que tão fundas cavernas,  
Aqueles duas dores enjaularam,  
Miseráveis e eternas  
Nos horríveis destinos que as geraram.

Que medonho mar largo,  
Sem lei, sem rumo, sem visão, sem norte,  
Que absurdo tédio amargo  
De almas que apostam duelar com a morte!

Nas suas naturezas,  
Entre si tão opostas, tão diversas,  
Monstruosas grandezas  
Medravam, já unidas, já dispersas.

Onde a noite acabava  
Da cegueira feral de atros espasmos,  
A embriaguez começava  
Rasgada de ridículos sarcasmos.

E bêbadas, sem vista,  
Na mais que trovejante tempestade,  
Caminhando a conquista  
Do desdém das esmolas sem piedade,

Lá iam, juntas, bambas,  
-- acorrentadas convulsões atrozes --,  
Ambas as vidas, ambas  
Já meio alucinadas e ferozes.

E entre a chuva e entre a lama  
E soluços e lágrimas secretas,  
Presas na mesma trama,  
Turvas, flutuavam, trêmulas, inquietas.

Mas ah! torpe matéria!  
Se as atritassem, como pedras brutas,  
Que chispas de miséria  
Romperiam de tais almas corruptas!

Tão grande, tanta treva,  
Tão terrível, tão trágica, tão triste,  
Os sentidos subleva,  
Cava outro horror, fora do horror que existe.

Pois do sinistro sonho  
Da embriaguez e da cegueira enorme,  
Erguia-se, medonho,  
Da loucura o fantasma desconforme.

índice